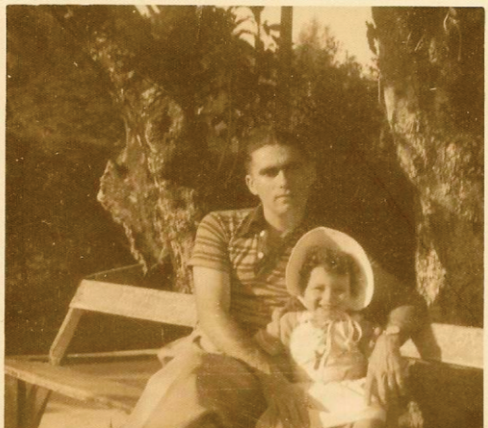
VERSOS E PROSA DE MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA



Theresa Catharina de Góes Campos

Versos e Prosa de Minha Infância e Adolescência

Theresa Catharina de Góes Campos

1ª Edição - 2015

Projeto e Produção Gráfica
Gráfica e Editora Guanabara

Capa e Diagramação
Walter Rodrigues Ferreira

Impressão e Acabamento
Gráfica e Editora Guanabara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Campos, Theresa Catharina de Góes

Versos e Prosa de Minha Infância e Adolescência / Theresa Catharina de Góes Campos. 1. ed. Brasília: Gráfica e Editora Guanabara, 2014.

166 p. ; 15x21cm. Il.

Poesias e prosa escritas entre 1955 e 1962.

ISBN 978-85-62095-03-0

1. Poesia. 2. Prosa. 3. Literatura Brasileira.
I. Título

Rio, 26 de julho de 1.956.

Pensamentos.

1- O sonho de um patriota é morrer servindo à pátria

2 - Crianças, flôres que enfeitam um lar.

3 - Nas veias dos bandeirantes corria o sangue ~~de~~ brasileiro e nos seus corpos havia a alma aventureira.

4 - Nos corações brasileiros estará sempre gravado o nome supremo: Brasil.

5 - Luar, enlevo do poeta.

Rio, 31 de julho de 1.956.

Santa Therezinha.

Minha doce guia
Anjo do meu dia
luz da minha razão
paz do meu coração.

Segue comigo êste caminho
tão duro, Santa Therezinha
pois nêle há tanto, tanto espinho
ó minha meiga santinha.

Que eu não me desvie do rumo certo
e que num momento incerto

Prefácio

Esta obra documenta, por meio de palavras – versos e prosa – os primeiros tempos de minha vida, iniciando, na infância e na adolescência, uma biografia assinalada, de forma indelével, por um ambiente familiar de exemplos admiráveis: mãe e pai que se amavam profundamente; pais amorosos e dedicados aos três filhos, educadores exigentes, disciplinados e disciplinadores, organizados, transmitindo a prática dos seus valores: a fé em Deus, o trabalho honesto, o patriotismo, a importância dos estudos e da leitura escolhida conforme os princípios cristãos.

Assim, com facilidade me apaixonei por livros cativantes: as obras infanto-juvenis de Monteiro Lobato; e de Antoine de Saint-Exupéry (com trechos sublinhados por meu pai, também aviador); narrativas sobre as viagens de Marco Polo (o primeiro presente de que me lembro...); relatos arqueológicos; as aventuras oceanográficas de Jacques-Yves Cousteau; muitos volumes de fábulas e contos infantis (reis, princesas, fadas, duendes e bruxas); o Novo Testamento e histórias bíblicas selecionadas .

As comédias e tragédias de William Shakespeare viriam depois, na adolescência, juntamente com a poesia de Gonçalves Dias, Olavo Bilac e os romances de Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar.

Aos 8 anos, sem qualquer influência de meus pais, tive a certeza de minha vocação: ser jornalista. Comecei a fazer um jornalzinho manuscrito – "O Farol" – com menos de dez páginas cada número que saía (edições artesanais, sem cópias). O conteúdo incluía as entrevistas com vizinhos, empregadas, colegas e amigas. Já me identificando sem jeito para desenhar, recorria às ilustrações coloridas, recortadas de revistas e coladas, em seguida, conforme o espaço permitia, nesse meu "periódico".

Para explicar a escolha do nome "O Farol", aqui transcrevo uma crônica e um poema, ambos de minha autoria e publicados anteriormente:

"Atendendo a meu pedido, a comemoração familiar de meus 15 anos (13 de janeiro de 1960) foi um piquenique com a minha mãe e meus irmãos, Fernando José e Victoria Elizabeth, nas proximidades do Farol de Santo Agostinho, localizado na praia do Cabo de Santo Agostinho (Cidade do Cabo, próxima ao Recife, em Pernambuco).

Meu pai não pôde ir conosco porque estava trabalhando, mas providenciou o veículo e o motorista para o nosso passeio.

O destaque, nessa programação para celebrar meu aniversário natalício, foi a visita que fizemos ao Farol, especialmente solicitada por mim, pois eu dizia, na época, que seria ótimo viver num farol.

À noite, em casa, na Praia de Piedade (Jaboatão - PE), meus pais, meus irmãos e eu festejamos na forma tradicional: bolo e parabéns, recordando os momentos tão agradáveis no Cabo de Santo Agostinho, o que vimos no interior do farol, o que conversamos com o faroleiro.

Para falar com mais sinceridade, o fato é que, na época, eu afirmava querer morar num farol, quando me tornasse adulta. Seria essa a minha vocação paralela, num local que me parecia ideal (tranqüilo e solitário), o que não me impediria de exercer, concomitantemente, a vocação de jornalista, escritora e poeta. (Bem, era o que eu dizia, compenetrada...)

Devo registrar que meus pais, sabiamente, riam um pouco e comentavam sobre as dificuldades, sobretudo a solidão, no trabalho e na vida em um farol. Mas não se posicionavam contrários à minha decisão...

Meses depois, cursando o clássico, no Colégio de São José (Recife - PE), fundamos e passamos a editar, no formato tablóide, um jornal estudantil, impresso em branco e verde, com fotografias e bastante informativo. Chamava-se "O Farol", nome escolhido por mim e aprovado com a minha argumentação sobre periódicos homônimos, históricos, no Brasil e em outros países, o simbolismo da palavra, etc.

Durante os três anos de nosso curso clássico, “O Farol” esteve sob a responsabilidade das quatro fundadoras e editoras: Tereza Halliday, Tereza Dubeux , Isabel Brayner e eu.

Depois, nos tornamos universitárias e deixamos o nosso jornal “O Farol”.

Na comemoração dos quarenta anos de nossa formatura do clássico (1962-2002), houve a publicação de um número especial de “O Farol”, com a reimpressão de artigos selecionados.

Ainda guardo alguns números desse meu jornal tão querido, editado e redigido com o entusiasmo pioneiro de suas quatro editoras e inúmeras colaboradoras. Impossível não me emocionar, ao reler suas páginas, embora tivesse havido, antes, outros jornais em minha vida.

Como o meu “tablóide” da infância, que eu fazia manuscrito, desde os oito anos, sozinha, e também se chamava “O Farol”; e outros, na adolescência, em trabalho de equipe, como o informativo impresso do CESP - Centro dos Estudantes Secundários de Pernambuco, entidade cuja diretoria eu integrei, como secundarista e participante do movimento estudantil democrático.

Representando o CESP, ao lado de ótimos colegas e amigos, fiz muitas viagens inesquecíveis, para reuniões e congressos, servindo e aprendendo com populações carentes, o que me deu a oportunidade de conhecer melhor Pernambuco e o Brasil.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo - SP, 31 de janeiro de 2009.”

MIRAGEM DO REFÚGIO INACESSÍVEL

Se os jovens fossem jovens
aceitariam o sacrifício heroico
como parte e condição do amor.

Se os homens soubessem transmitir
todas as palavras que aprisionam
dentro de si, covardemente,
as canções e as mensagens que apagaram
fluiriam sem cessar, noite e dia.
E os sonhos seriam realizações;
as sementes protegeriam o trigo latente,
e, mesmo invisíveis, as sementes
seriam pão e flor, árvore e frutos.

Porque algo tão simples
parece um sonho distante,
sinto medo do mundo.
Quero buscar um farol...
para ali viver protegida, mas
capaz de proteger outras vidas.
Porém a raiva do mar, os recifes
e as ondas de som furioso,
estão em meu caminho,
não me permitem passar.
Isso é realidade ou, quem sabe,
uma visão juvenil, imatura,
criada pelo medo que eu sinto?

Theresa Catharina de Góes Campos
Caux-sur-Montreux - Suíça, agosto de 1960.

Embora encontremos temas tristes, melancólicos, em alguns poemas e textos por mim escritos, são verdadeiras as fotografias da minha infância e adolescência. Observem a presença do sorriso. Uma realidade que não me permito esquecer. Nada justificaria tal esquecimento. Louvado seja Deus, por Sua bondade infinita!

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 13 de outubro de 2014

DEDICATÓRIA

À querida sobrinha

ELIZABETH FERNANDA DE CAMPOS BARROS,

que me incentivou a publicar os meus primeiros escritos - dos 8 aos 17 anos.

Paciente e bondosamente, dedicou-se a digitar páginas amarelecidas pelo tempo, tão frágeis que rasgavam com facilidade.

Jornais e revistas da época, que publicaram originais de minha autoria, também exigiram um esforço maior, devido à passagem dos anos.

HOMENAGEM (*in memoriam*)

A meus pais, THERESA AMÉLIA DE GÓES CAMPOS (Therezinha) e FERNANDO SALVADOR CAMPOS, sempre recordados com amor, gratidão e saudade.

Eles conservaram cuidadosamente uma grande parte dos meus manuscritos e recortes de periódicos, levando consigo todo esse material, nas diversas mudanças de residência, para cidades brasileiras e também no exterior.

Conteúdo

Prefácio 5
1955 19
Os Pássaros 20
O Caminho 21
A Música 23
Dia das Mães 25
A Flor 26
A Primavera 27
A Borboleta 28
1956 29
Trova Amorosa 30
Santa Teresinha do Menino Jesus 32
1957 33
Para Tânia, na Comemoração de Seus Quinze Anos 34
15 anos 35
1958 36
Papai, o Amigo de Todas as Horas 37
1959 39
A Mãe: Sua Presença na Vida dos Filhos 40
A Criança 42
Manuscrito de Homenagem a Mamãe 44
1960 45
Rumo à Liberdade 46
O Papel da Juventude na Sociedade Atual 50

Amor Sem Voz 54
Os Convidados Para a Festa do Sol 55
Les Invités Pour la Fête du Soleil 56
Poesia Matutina 58
Procurando os Sons 61
Plaisanterie D'Amour 62
O Jovem Leitor de Jornais 63
La Bénédiction 64
As Lágrimas de Neve Sobre os Pinheiros 65
Les Larmes de Neige Sur Les Sapins 67
Águas Vivas 69
Perguntas Sem Respostas 71
Espaço Ilimitado 73
Não Matem a Esperança! 74
Sonhos Irmãos 76
Ternura Insistente 77
Terre des Hommes 78
Terra dos Homens 80
Minuto de Paz 82
Saudade Vai de Correio 83
As Flores Vestidas de Luz 84
The Flowers Dressed in Light 86
Deus: O Artista Maior 88
A Esperança Invencível 89

The Unfailing Hope 90
Enxugar as Lágrimas 91
Wiping Out Tears 92
Razão de Todas as Coisas 93
O Vazio Se Faz Pleno 94
Minutos 95
Homenagem a Glaine e Lúcia Isabel 98
1961 99
Aos Dezesseis Anos, Homenagem a Mamãe 100
Coletânea de Sonhos 102
Por Que Existem Rosas 104
Menina Sou... 106
As Viagens do Vento 108
Mandei o Sol Buscar a Chuva 113
Solidão Criativa 114
A Glória da França, A Simpatia de Portugal 116
Passarinho, Deus Criou Para Voar! 120
1962 121
Não Direi "Não" a Deus 122
Prova de Inteligência 124
As Veias Invisíveis do Coração 125
Nos Dias de Cinema 129
Bolas e Carambolas 132
Onipresença da Arte 134

A Linguagem do Coração 135
O Espírito do Natal: Comunicação 136
Subiu no Cajueiro Para Ler e Sonhar 139
Espaço Infinito do Coração Aprendiz 141
Cajueiro no Quintal 142
Mirabolante! 143
Pescaria na Quermesse 144
Passarinho Saltitante 146
A Festa dos Amigos 147
Vida-Morte-Vida 148
O Aprendizado Para Não Silenciar 152
Quem Sabe a Resposta 153
O Toque Final de Deus 154
Pilotar... E Sentir a Plenitude da Vida 156
Não consegui encontrar 159
Posfácio 160
Quando tínhamos 15, 16 e 17 anos 160

1955

Os Pássaros

Não há quem não sinta alegria
vendo os pássaros a gorjear
desde o nascer do dia
para a vida alegrar.

Pássaro é a alegria da vida,
enche a terra de harmonia
enquanto saltita sobre o gramado.

Theresa Catharina de Góes Campos (com 10 anos)
Rio de Janeiro - RJ, 21 de maio de 1955

O Caminho

Há um caminho
muito difícil de se seguir.
Cheio de espinho,
de tentações sempre a luzir.

E, pouco a pouco no caminho,
uma rosa nasce entre o espinho,
traduzindo a saudade
da felicidade.

Theresa Catharina de Góes Campos (aos 10 anos)
Rio de Janeiro - RJ, 15 de maio de 1955

A Música

Linda, cheia de harmonia
que leva e traz a felicidade
com infinita alegria,
ajuda a esquecer uma saudade.

A música lembra a felicidade,
tristeza ou uma saudade,
mas nunca deixa de consolar
a quem vive a suspirar.

Suave e bela é a música,
com o encanto e a magia
do sino quando repica.

Theresa Catharina de Góes Campos (aos 10 anos)
Rio de Janeiro - RJ, 11 de maio de 1955

5/5/55.

Dia das mães.

Neste maravilhoso dia
que a felicidade reina
estampando nos rostos a alegria
como uma lembrança eterna.

Cravos e bogarís
são as singelas flores
que neste dia feliz
enfeitam os corações.

Nunca houve mais alegria
do que nesta ocasião
neste abençoado dia
cheio de emoção.

Ninguém pode descrever
com tôda a harmonia
sem receber
a ajuda de Mamãe!

Salve o dia das mães,
que traz pequeninas flores
com pequeninos amores.
Salve!

Dedicada a mamãe.
no dia a ela consagrado.

Dia das Mães

Neste maravilhoso dia,
quando a felicidade reina,
estampando nos rostos a alegria
como doce lembrança eterna,

cravos e bogaris
são as singelas flores,
que neste dia feliz,
enfeitam os corações.

Nunca houve mais alegria
do que nesta ocasião,
neste abençoado dia
cheio de emoção.

Ninguém pode descrever
com toda a harmonia
sem receber a ajuda de Maria!

Salve o Dia das Mães,
que traz pequeninas flores
com os maiores amores.

Salve!

(Dedicado a Mamãe, no dia a ela consagrado.)

Theresa Catharina de Góes Campos (aos 10 anos)
Rio de Janeiro - RJ, 5 de maio de 1955

A Flor

Há muita coisa bonita
para a vida alegrar.
Se uma flor encanta,
um sorriso vai imitar.

A flor é o sorriso da natureza
que atrai o beija-flor
para lhe dar o seu amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro - RJ, 30 de maio de 1955

A Primavera

Cobrindo os campos de flores,
alegrando corações,
vem chegando a primavera,
a mais bela das estações.

Nas manhãs radiosas,
o canto dos pássaros
é a voz da natureza
saudando a sua chegada.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro - RJ, 10 de junho de 1955

A Borboleta

A borboleta é o colorido da natureza
que voando entre as flores
mostra os seus primores.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro - RJ, 24 de junho de 1955

1956

Trova Amorosa

Papaizoca, meu amor,
venha logo me abraçar.
Mamãezinha, minha flor,
corra aqui pra me beijar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro - RJ, 08 de dezembro de 1956

Santa Teresinha do Menino Jesus

Abaixo, um poema que escrevi com 10 anos de idade:

SANTA TERESINHA

Minha doce guia,
anjo do meu dia,
luz da minha razão,
paz do meu coração.

Segue comigo este caminho,
tão duro, Santa Teresinha,
onde há tanto, tanto espinho,
ó minha meiga santinha.

Que eu não me desvie do rumo certo
e que, num momento incerto
de dúvidas e de receios,
saiba decidir com acerto.

Ajuda-me a ser boa,
reza por mim.
Pede a Deus, Todo-Poderoso,
que tome conta de mim.

E sendo assim,
tenho a plena certeza:
serei guiada,
serei protegida.

Theresa Catharina de Góes Campos
Rio de Janeiro - RJ, 31 de julho de 1956

1957

Para Tânia, na Comemoração de Seus Quinze Anos

A você, querida Tânia, na comemoração de seus quinze anos. Vem a primavera, florida e cheia de sonhos: desperta alguém para a vida, é chegada a mocidade; idade do coração, que palpita e anseia constantemente, sem saber o porquê desse entusiasmo pela vida.

QUINZE ANOS

Num baile de 15 anos
tudo pode acontecer,
tanto se abrem os olhos
daquela que começa a viver.

O início romântico, ao som da valsa;
a primeira troca de olhares,
o primeiro amor, o primeiro sonho,
a primeira doce ilusão,
que dá prazer ao coração.

As frases em surdina proferidas
que soaram em seus ouvidos
como primeiras palavras queridas.

Um baile de 15 anos....
Começo de muitos sonhos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Natal - RN, 12 de julho de 1957

15 anos

No dia do seu aniversário, um marco em sua vida e mocidade, faço-lhe esta cartinha com carinho. Desde pequeninas fomos amigas, criando uma amizade que nem a distância pôde conter o seu crescimento. Tânia, você hoje é um botão desabrochando – inicia-se para a vida, vai conhecer agora de perto esta vida que "é um sorriso entre duas lágrimas". Só espero que seja sempre protegida pelo Bom Jardineiro e continue guiada até o fim da estrada pela luz da verdade e da graça. Seu coração está alegre - não estou certa?– palpitando de felicidade. Que os anos seguintes lhe tragam paz. À nossa frente desfilam muitos exemplos: bons e maus; que você escolha os primeiros – eles talvez constituam, no começo, pedras no seu caminho mas, quando avistar a reta final, aquelas se transformarão em flores, que parecerão sorrir e dizer: Sim, Tânia percorreu sua estrada com perfeição, não se desviou por um atalho perigoso. Esta idade que se aproxima é a época dos sonhos maravilhosos da juventude. Faça com que as boas ilusões terminem sempre em realidade. O seu bolo de 15 anos simboliza claramente: o sapatinho lhe pertence, cabe no seu pé e, um dia, virá o príncipe encantado que a conduzirá ao Reino do Amor. Enfim, tudo o que eu disse aqui pode ser resumido nestes votos sinceros: seja feliz, muito feliz, aproveite sua mocidade e nela construa a segurança para o outono de sua vida.

Da amiga que nunca a esquece,

Therezita

Theresa Catharina de Góes Campos

Natal - RN, 12 de julho de 1957

1958

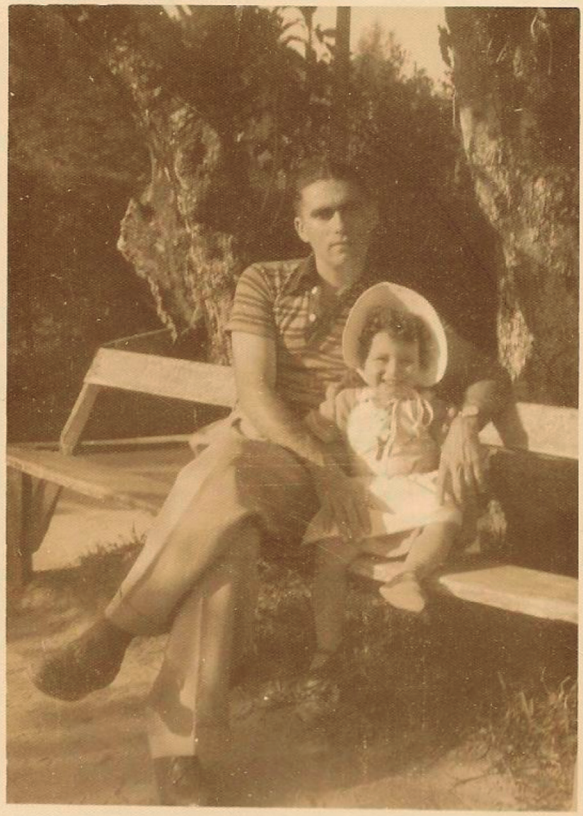
Papai, o Amigo de Todas as Horas

Há épocas em nossas vidas, tempos dourados, nos quais desejaríamos alcançar uma escada repleta de prêmios. Encontraríamos, no primeiro degrau, as glórias, no segundo, o dinheiro. Seriam esses os mais desejados objetivos. O estudante os quer, o médico, o advogado, o engenheiro; cada qual sonha em construir algo de grande que faça o mundo aplaudi-lo. E isso só se consegue com lutas contínuas, atravessando inúmeros obstáculos. Muitos, porém, nessas tentativas tiveram a ventura da companhia dedicada de seus pais. Desde pequenos foram guiados por eles, homens experientes, que lhes facilitaram tudo com a sua orientação, dos filhos exigindo o melhor possível, dedicando o seu máximo para ajudá-los conforme os seus recursos e sabendo compreender nos momentos difíceis. Ao desanimarem, eram motivados a estudar, exortados a serem dignos e trabalhadores. Sim, tudo o que somos e, no futuro, viermos a ser, devemos a nosso pai, o amigo de todas as horas.

Theresa Catharina de Góes Campos

(Aos 13 anos)

Recife - PE, agosto de 1958



1959

A Mãe: Sua Presença na Vida dos Filhos

Aquele que tem, na vida, a presença de uma querida Mãe para guiá-lo pelas sombras do destino, não pode ser infeliz.

As plantinhas, quando privadas da luz do sol, somente com muito cuidado conseguem viver. As crianças, na sua casa, têm na Mãe uma estrela que as aquece com o calor do seu precioso amor, iluminando-as com a sabedoria dos seus conselhos.

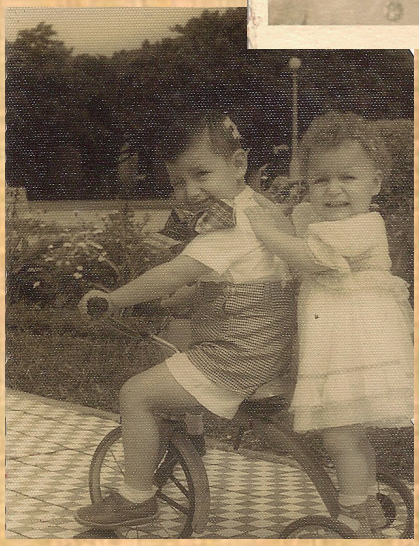
A Mãe é o tesouro dos filhos porque o seu carinho e a sua dedicação são imensos; porque ela, na alegria, é também feliz conosco; na tristeza, a sua mão pousa sobre nossa cabeça, ternamente, como para aliviar os nossos sofrimentos e as nossas múltiplas preocupações.

E assim, em todas as épocas, as Mães, jardineiras competentes, vão cuidando dos botões que desabrocharão em lindas rosas, apalpando e revolvendo a terra, regando as plantinhas, retirando as ervas daninhas, para que os botões possam florescer em toda a plenitude, realizando, então, o fim para que foram criados.

Theresa Catharina de Góes Campos

(Aos 14 anos)

Recife - PE, 8 de maio de 1959



A Criança

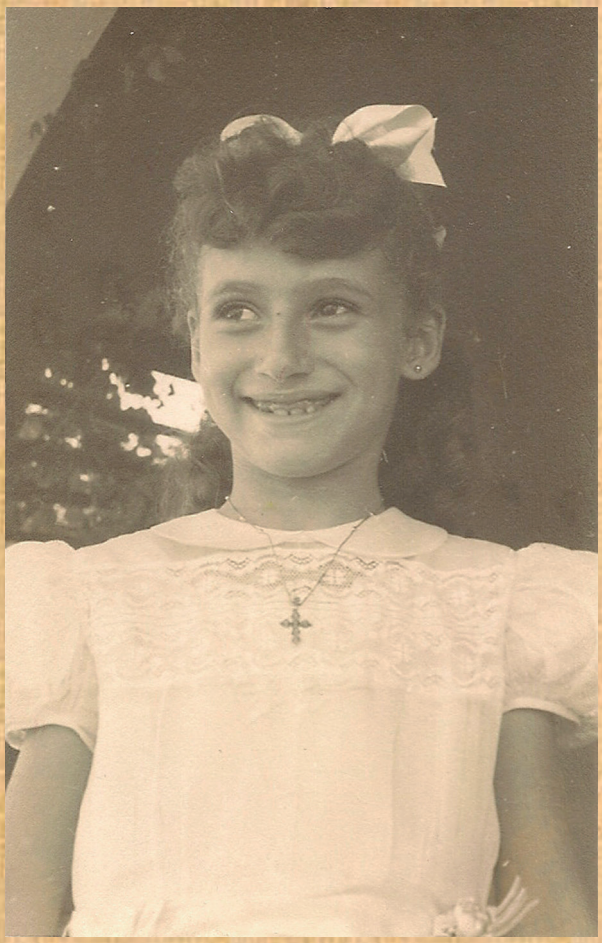
"Os risos infantis são como pérolas que rolam pelos lábios", disse Victor Hugo.

A alma da criança é preciosa porque traz alegria, felicidade e união. Seu sorriso, realmente belo porque inocente. Ela é como um botão que está desabrochando; pequenino ente que tudo admira, ao encontrar diante de seus olhos um quadro nunca visto, que por sua complexidade contrasta grandemente com a simplicidade de seu espírito. E sua boquinha risonha e pura, que nos encanta ao pronunciar nossos nomes, que nos acaricia a face com um meigo beijo. Que o mundo compreenda o papel da criança, a proteja e eduque de modo que tenha possibilidades, ao crescer, de cumprir com precisão todos os seus deveres, morais e materiais.

Theresa Catharina de Góes Campos

(Aos 14 anos)

Recife - PE, 12 de março de 1959



Manuscrito de Homenagem a Mamãe

*Recife, 15 de outubro de 1959

Querida Mamãe:

Hoje é um dia de felicidades para todos nós porque a senhora completa mais um ano de existência.

Esta página não é, absolutamente, a página que eu desejaria ter escrito; está insípida, sem cor, pouco vibrante, talvez. Quão insignificante é ela para poder lhe demonstrar o quanto a amo! Quão pequena, ante a imensidão de sua pessoa, ante a essência de seu espírito, sua doçura e benevolência sem igual.

Se a cada dia eu tivesse absorvido e praticado os maravilhosos ensinamentos que a senhora me deu, certamente já seria outra, certamente lhe daria mais alegrias, as alegrias que o seu edificante exemplo merece e reclama. Saiba, porém, que uma coisa eu compreendi para nunca mais esquecer: a senhora é realmente um tesouro. E além de ser um tesouro, é diferente. Poderei tê-lo durante toda a minha vida se souber aproveitá-lo, considerando que os efeitos de seu amor são ecos eternos. Isto porque seus conselhos não podem ser roubados, nem hipotecados, nem destruídos. Sabendo muito amá-la, aprenderei a viver intensamente, usufruindo, assim, do grande tesouro com que Deus, gratuitamente, me agraciou: a senhora, mamãe.

Da filha que muito a ama,
Therezita.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 15 de outubro de 1959

1960

Rumo à Liberdade

Um lenço à cabeça, saia e blusa de lã, usava a moça que ia todos os dias para a fábrica nos arredores de sua cidade. Os olhos negros tinham um brilho triste, a boca sem pintura não exprimia um sorriso. Não havia alegria na sua face porque, além de haver escassez de alimentos, faltava à vida o essencial a todo ser humano: a liberdade.

Uma semana já se passara, desde que os tanques russos ocuparam Budapeste e afogaram em sangue a revolução de 1956. Aliás, como Margit, a terra em que nascera estava enlutada há muitos anos. O seu coração batia descompassadamente, pois ontem dera um passo decisivo e por demais audacioso. Combinara com Gyula, o motorista de um caminhão de aluguel, que ele a levaria até onde pudesse ir, escondida num caixote. Ia encontrá-lo às 23 horas, perto da garagem. Margit pensava: "Não tenho nada a perder; sou órfã, sem família que possa sofrer as consequências do meu ato. Tudo aqui é insuportável: trabalho todos os dias, passo privações, tenho que frequentar o "catecismo" da doutrina comunista uma vez por semana e, para maior tormento do meu cérebro, penso que não estou livre de, um dia, ser colocada num vagão superlotado de pessoas para nunca mais regressar. Tenho que tentar. Pelo menos uma vez na vida, deve-se arriscar tudo por algo que nos pareça essencial... pode ser que, por sobre os abismos, encontremos uma ponte que nos possa conduzir à meta almejada. Se não fizermos isso, a nossa existência terá fracassado. O resultado não importa, o que vale é tentar, tentar modificar o que está errado no curso do nosso viver. E foi com esses pensamentos que caminhou para o trabalho.

Quando as onze horas foram anunciadas nos relógios, Margit já se encontrava no ponto marcado.

Gyula deu-lhe as últimas instruções: "— Faça o mínimo de movimento e, em caso de emergência, não perca o sangue frio".

Após essas palavras, colocou-a entre 45 caixotes que ia carregar. Margit apertou a mão do motorista com gratidão e acomodou-se o melhor possível. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Enquanto o caminhão rodava na escuridão da noite, ela sentia, vindo do fundo do coração, um

enorme desejo de olhar outra vez a cidade adormecida, o rio Danúbio... Quando Gyula alcançou o primeiro posto, Margit dormia. Os policiais que revistaram o veículo nada encontraram. A primeira etapa fora vencida.

Em tais circunstâncias, é preciso revelar motivo pelo qual o rapaz se arriscava tanto. Seu pai fora um idealista e lhe incutira no espírito seus princípios impregnados de patriotismo. Pouco antes de morrer, havia lhe dito: "— Que todos os seus atos elevem a Hungria". Depois do desenlace, pensou seriamente em fugir de Budapeste, mas a sua irmã solteira era inválida, não poderia acompanhá-lo. E ele não ia abandoná-la.

Na impossibilidade de realizar o seu sonho, ajudava, o mais possível, na realização do sonho dos outros.

No segundo posto, Margit, que acordara, levou um tremendo susto. Um oficial examinara uns caixotes; achando tudo em ordem, foi preparar os papéis necessários. Nesse ínterim, um soldado resolveu revistar todos os caixotes. Gyula, com grande esforço e controle, não esboçou um gesto, continuando a agir de forma incrivelmente natural. O policial estava pronto para olhar a última fileira, por trás da qual Margit se escondia, quando, regressando o oficial, gritou, impaciente:

"— É inútil verificar aí. Desça; eu próprio já averiguei".

Cabisbaixo, o soldado desistiu de ser consciencioso, isto é, de revistar tudo. Ela, é claro, achou que guardaria o som da voz russa que a salvara durante toda a vida.

Percorridos outros quilômetros, o seu amigo despediu-se. Não iria mais além. Agora, teria de fazer parte de um grupo de seis pessoas até atravessar, se Deus assim o desejasse, a fronteira com a Áustria.

A moça sorriu para os novos companheiros: um casal com a filhinha de seis anos; um senhor de cabeça branca; e, finalmente, uma avozinha com o neto de meses. Essa última, durante o trajeto inicial, caíra de um barranco e, agonizava. No seu delírio, estendia o pequenino, implorando que o levassem. A responsabilidade era enorme. Ninguém se decidira ainda a aceitar o pesado encargo. Margit, mais uma vez, tomou uma decisão. Retirou a criança dos braços da moribunda, antes de ela exalar o

último suspiro. O garoto, com as mãozinhas crispadas, aconchegou-se à sua "mamãe" adotiva que, pensando na audaciosa figura de Alexandre, o Grande, deu-lhe o nome de Sándor (Alexandre, em húngaro). O primeiro conquistara o mundo: o segundo, seu coração, pleno de amor, pronto a dedicar-se ao pequenino indefeso. Naquele momento, ela chegou à conclusão de que, realmente, a vida é vazia para os que não sabem se doar. Ficou feliz, muito feliz, por ter junto a si aquela criança.

A nova etapa da fuga seria a mais perigosa. Descansaram, escondidos, durante todo o dia. Ao pôr-do-sol reiniciaram a marcha, atravessando uma área perigosa, onde poderiam encontrar as tão temidas minas terrestres. Se conseguissem completar o trajeto a salvo, estariam livres. Precisariam andar, dali em diante, um pouco separados uns dos outros.

Avançavam cuidadosamente, ocultando-se por detrás das árvores. Encontraram-se com um camponês, que os ajudou, lhes indicando o melhor caminho, além de levá-los em sua carroça até um cruzamento mais próximo.

De cinco em cinco horas alguém era o responsável pelo grupo, tendo como obrigação andar à frente. Na vez do idoso, ele pisou em uma das minas terrestres. Ao correrem para tentar socorrê-lo, já o encontraram morto.

Margit, sempre com Sándor ao colo, sentou-se tristemente sobre uma pedra. Embalando o menino, cantava:

— Dorme, filhinho querido.
deixa a mamãe descansar.
Dorme, filhinho querido,
até esta luta terminar.

— Dorme, filhinho querido,
assim, você não vai morrer.
Dorme, filhinho querido,
assim, você não vai sofrer.

Após enterrarem o companheiro de jornada, resolveram apressar o passo. Só poucas horas os separavam da fronteira. Naquela noite, a moça ficaria na retaguarda, vigiando a retirada dos outros, depois de examinar o

percurso. Com tanta responsabilidade sobre os ombros, Margit estava muito inquieta. Chegado o momento, assumiu o seu posto; verificando as condições de segurança, mandava o pessoal avançar, ficando por último.

Ao avistarem a fronteira, lágrimas de alegria marejavam os olhos avermelhados de cansaço dos fugitivos exaustos, quando ela avisou que um grupo de soldados iria alcançá-los. E Margit pediu que alguém do grupo viesse buscar Sándor... Contudo, muitos metros os separavam, e a fronteira, isto é, o sonho acalentado por tantos anos, estava próxima...

Enquanto Margit entreteve os soldados, escapando quando quase era apanhada, seus amigos ganharam a liberdade. Quando não mais aguentou, rendeu-se, e desmaiou. Ao recobrar os sentidos, estava cercada por alguns oficiais russos, que a interrogaram por um longo tempo. Quando consideraram não haver mais nenhum impedimento para ela e a criança regressarem, Margit e Sándor foram colocados num vagão militar. Para Margit, aquele retorno era um pesadelo. Seu coração só tinha angústia e desespero; chorava até não poder mais. Seu único consôlo era o "filhinho". Mas o destino queria lhe tirar tudo... Durante a viagem, Sándor adoeceu e, como os soldados nada lhe deram para combater o mal, ele morreu. O corpo foi retirado do vagão imediatamente. Margit, em prantos, teve que continuar. Entretanto, com o passar das horas, divisou a bondade de Deus por trás dos seus desígnios aparentemente cruéis. O Criador não quisera que o garoto vivesse privado de liberdade. Ela mesma havia cantado para Sándor, enquanto o ninava nos braços:

"Dorme, filhinho querido, / até esta luta terminar" — e ainda — "Dorme, filhinho querido, / assim, você não vai sofrer".

Quanto à sua própria vida, um pensamento a confortava: o que importa é tentar; tentar modificar o que há de errado no curso de nosso viver.

THERESA CATHARINA DE GÓES CAMPOS
(Aos 15 anos, aluna do 1º Ano Clássico do Colégio de São José, das Religiosas Dorotéias)
Publicado no jornal "O FAROL".
Recife - PE, 1960.

O Papel da Juventude na Sociedade Atual

Todos sabem que o futuro do mundo está nas mãos da juventude de agora; e muitos compreendem a necessidade de um presente bem vivido. Poucos, porém, são aqueles que ajudam ou se dispõem a orientar a mocidade. Considerando que os jovens trazem consigo a semente, um porvir escondido, precisam também de cuidados especiais para germinar em toda a sua plenitude. Porque exercerão uma grande influência na sociedade.

As esperanças e ambições, os sonhos e anseios que impulsionam a juventude têm uma dinâmica: impedem, muitas vezes, que as atividades se realizem sem criatividade, afastam por completo uma possibilidade de estagnação. Os bons hábitos, ensinados pelos pais e educadores, vão se estabilizando e sendo postos em prática no ambiente de cada um dos jovens. Sempre visando a seu futuro, ainda uma incógnita, já procuram caminhos, trabalham e se esforçam continuamente; com essa preocupação de vencer, com essa pressa construtiva, contribuem para que seja cada vez maior o progresso mundial. À medida que recebem ensinamentos preciosos, no lar e na escola, vêem que lhes são apresentadas ocasiões para aplicá-los. Que admirável ação impulsionadora exercem quando buscam a verdade, analisam seus erros e procuram atingir a perfeição! Tentam, quem sabe?, igualar aqueles que admiram!

Seu natural otimismo, sua intensa vontade de viver, são contagiantes. Apesar disso, porém, interiormente, a juventude pede o estímulo dos mais velhos, esperando, também, que lhe apontem caminhos. Não esqueçamos, porém, os jovens que não puderam dar amor a seus semelhantes por motivo de abrigarem o ódio no seu coração! Ódio aos que lhes negaram uma pequena ajuda, um incentivo qualquer. Ódio aos que os humilharam por sua situação social inferior. Quantas inteligências não se desenvolveram por terem sido eles obrigados a passar, desde cedo, a maior parte de sua vida, carregando caixotes no cais, vendendo frutas ou verduras nos mercados, ausentes da escola! Quantos se perderam, nas ondas da delinquência, por não ter havido uma única pessoa que se preocupasse com a sua sorte, que os retirasse da miséria em que viviam, que os afastasse dos maus companheiros! Quantos, caindo, estenderam a

mão para que os ajudassem a levantar-se e, em vez disso, foram pisados cruelmente, forçados a fracassar mais uma vez. Quem perdeu, além deles, com essa criminosa negligência? A sociedade, é claro. Seria desenvolvida pelas suas inteligências, enriquecida pelo seu trabalho honesto. Tudo que não se orienta para um determinado objetivo, que não é devidamente aproveitado: a energia, a vontade de ajudar, os sentimentos belos, o companheirismo, todo esse potencial faz falta à sociedade.

Os jovens devem compenetrar- se do seu papel, cônscios de sua grande responsabilidade. São sementes: sua missão é, ao se aperfeiçoarem, melhorar o mundo. Seus corações não devem jamais abrigar conceitos materialistas, nem ditatoriais e belicosos, que apregoam a violência. Nem concordar, também, com qualquer espécie de escravidão. Têm pela frente tarefas a realizar, horizontes velados que lhes acenam com promessas de sucesso. No afã de crescerem, estão sempre avançando, confiantes, os olhos a brilhar de desejos de vitória. Enquanto os mais velhos já se desiludiram de seus sonhos e trazem na alma o pessimismo, a mocidade empunha a sua maior arma, a Fé. Algumas vêzes vã, louca, imprudente, demasiada, mas sempre Fé, sempre entusiasmo, sempre Esperança. Afasta as probabilidades céticas e leva a termo empreendimentos para os quais muitas vezes não está ainda preparada, entretanto, devido à força arrebatadora de seu entusiasmo, tem êxito. Como no caso de muitas empresas, que tomaram verdadeiro impulso quando, corajosamente, resolveram por em prática as idéias renovadoras de seus jovens técnicos. Isso deu lugar, é verdade, a um choque, entre os "reacionários", que se agarravam ao conformismo pessimista, e esses moços ousados, o que foi, porém, plenamente recompensado. A rotina e a mediocridade foram substituídas, caíram por terra...

As possibilidades que a juventude encerra são tão grandes que a União Soviética, por temê-la, derrama sobre ela chuvas de propaganda de idéias marxistas apregoando a eficiência do sistema comunista, enquanto lhe dedica atenção e verbas especiais. Melhoramentos como universidades, centros de pesquisas, são criados com o único objetivo de despertar as simpatias dos moços para o regime vigente e para o estudo da Ciência, o que está contribuindo para que a Rússia atinja metas espaciais realmente

estupendas. O Estado paga para que estudem um equivalente de 6.000 a 10.000 cruzeiros mensais. O que amedronta a U.R.S.S. é a tremenda capacidade de reação da mocidade, a sua coragem impetuosa, aliada à curiosidade, sempre crescente, em relação ao modo de vida dos povos fora da Cortina de Ferro. Ficou mesmo provado em 1956, na Hungria, quão perigosa ela pode ser ao arriscar sua vida, para ser livre. As perspectivas de um viver de nível cada vez mais baixo, apesar dessa chamada geral para as escolas, a tragédia da falta de habitações, dos quartos para mais de uma família, o terror constante imposto pela M.V.D., foram a fagulha que fez explodir a Revolução Húngara. Um jovem de 23 anos, estudante de Química, definiu assim a causa da corajosa revolução, posteriormente afogada em sangue pelos tanques russos: "Nós sentíamos que nos encontrávamos em um túnel escuro e não podíamos ver o futuro. Não víamos qualquer saída".

Os jovens, portanto, são também os mais incansáveis salvaguardores da liberdade, tanto nos países satélites como em todos os lugares do mundo livre. Ao contrário dos que já viveram muito, eles, tendo pela frente uma vida inteira, pensam logo na possibilidade de, se não reagirem, viver num regime que, além de lhes ser francamente hostil, sufoca a sua dignidade de indivíduos. Este traço, aliás, caracteriza de modo especial essa idade; para os jovens, o principal problema é afirmarem-se individualmente, independentes de quaisquer outros fatores que não sejam a sua própria capacidade e esforço pessoal.

Essa afirmação, esse vencer na vida, quando se realiza, beneficia profundamente toda a humanidade. Nós todos, de certo modo, não nos pertencemos inteiramente. Qualquer ato nosso, por insignificante que pareça, recai sempre em mais alguém. O mal, mesmo praticado por uns poucos, alastra-se e atinge a todos. A prova disso foi o problema cruciante do após-guerra, que viu surgir, das ruínas de cidades destruídas por ataques inimigos, crianças traumatizadas pela dor, sem pais, o horror estampado nas faces marcadas pela fome. Verdadeiras vítimas da guerra, elas cresceram e formaram então o que foi denominado de "geração de após-guerra": revoltada, fazendo apenas o que desejava, indiferente a tudo o mais. O resultado foi que a Humanidade sofreu outra grande crise. Ficou fraca porque fraca estava também a juventude. Os jovens, como

não acreditavam num amanhã, esbanjavam o seu presente, davam vazão a todos os seus impulsos e não se preocupavam em formar sua consciência para orientá-los em seus atos e lhes dar a noção de suas responsabilidades. O motivo de toda essa confusão de sentimentos, desse desencanto em relação à grandeza da vida, era uma tentativa consciente para esquecer o drama do que pensavam ser a falta de um amanhã. Enquanto a juventude não voltou a si desse choque, enquanto não compreendeu que cabia a ela edificar o seu futuro, recobrando a energia e a vontade de trabalhar, visando a um melhoramento contínuo, o mundo permaneceu "doente", sofrendo as consequências por não ter uma mocidade sadia. Associações de moços formaram-se, então, em todos os países, e foram auxiliadas materialmente pelos governos que contribuíram, assim, para dar um verdadeiro sentido à idéia de Humanidade.

O impulso de espíritos jovens é que reergueu as nações arrasadas pela guerra, industrializando-as, valorizando suas moedas. Sabendo de tudo isso, jovem que estuda, continue a cumprir com seus deveres. Você que trabalha, sinta orgulho dó papel que desempenha e jamais se negue, por falta de persistência, de força de vontade, a ocupar o lugar que lhe pertence. Ó jovens, nunca deixem de apregoar, com o seu exemplo, sua importância na sociedade. Pelo mundo afora, se compenetrem de que são, realmente, os artífices do amanhã.

THERESA CATHARINA DE GÓES CAMPOS
(Aos 15 anos, aluna do 1º Ano Clássico do Colégio de São José, das Religiosas Dorotéias)
Publicado no jornal "O FAROL".
Recife - PE, 1960.
1º prêmio feminino no Concurso de Oratória do
I Festival de Estudantes Secundários do Recife.

Amor Sem Voz

Lutou muito,
desde o alvorecer
de cores e matizes vibrantes
ao novo amanhecer.
Chorou lágrimas compridas.
Mas a saudade era bem maior
que o espaço imenso do coração.
Nas árvores se escondeu,
nas folhas respirou,
depois saiu com o vento libertador.

Sentiu a falta dele...
gritou tanto, até
não mais poder...
Seu amor desprotegido,
ficou exausto, sem voz!

Theresa Catharina de Góes Campos
Nazaré - Portugal, setembro de 1960

Os Convidados Para a Festa do Sol

A chuva não veio.
Talvez amanhã...
O sol nos convida para sua festa!

A festa é aberta para todos nós.
Mas a chuva não virá.
Está muito, muito cansada.

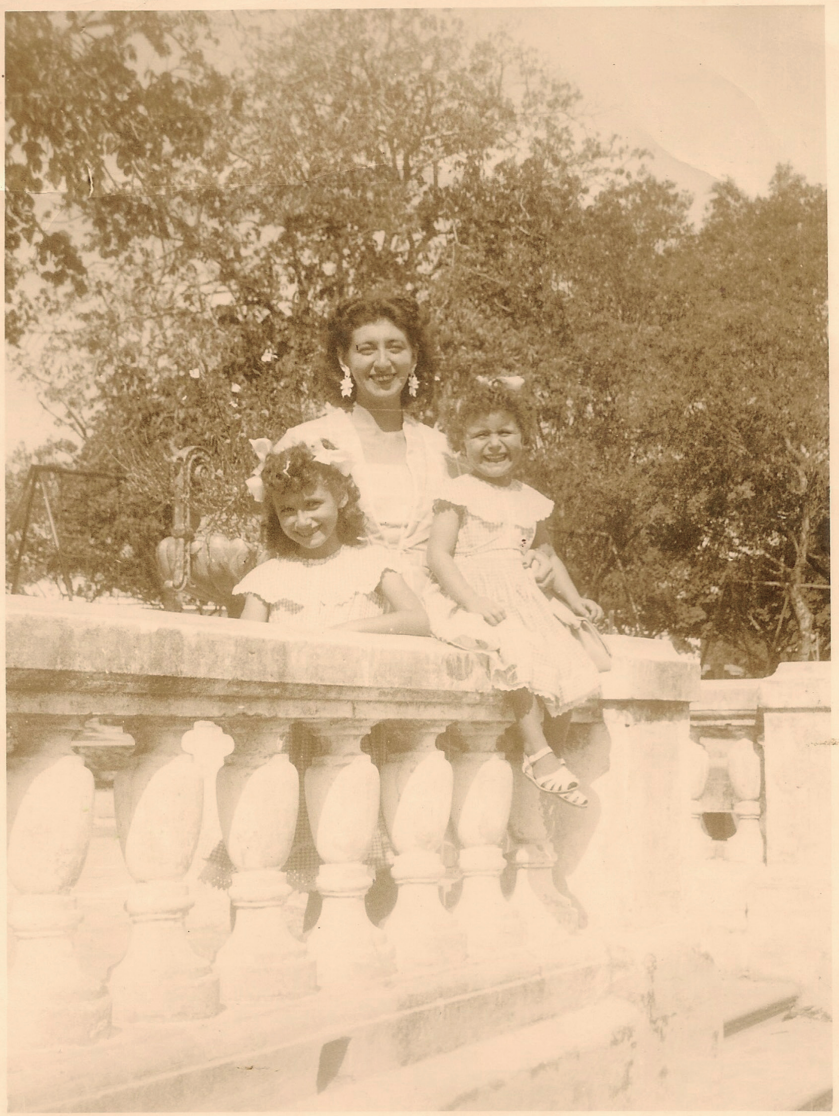
Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Suíça, (1960)

Les Invités Pour la Fête du Soleil

La pluie n’est pas là.
Peut-être demain...
Le soleil nous invite pour sa fête!

La fête est ouverte à nous tous.
Mais la pluie ne viendra pas.
Elle est déjà trop fatiguée.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Suisse, (1960)



Poesia Matutina

Para os meus adorados Pais, esta minha "sujeirinha poética", com um beijo carinhoso da filha Therezita.

Era manhã...
O raio de sol entrou
E o rostinho do bebê iluminou.

Depois, quando ele
as mãozinhas levantou
e os olhos pequeninos esfregou,
para o rabinho de um gato manhoso
o raio de sol pulou...

Todo o quarto percorreu,
em tudo que viu pousou,
em todo buraco penetrou,
a casa todinha percorreu.

Ágil e brincalhão foi visitar
a sala de estudo
da irmãzinha do bebê.
Os lápis de cor fez brilharem,
dourou os livros e cadernos,
brincou nos seus louros cabelos,
entrou no tinteiro aberto,
os óculos da garota experimentou,
a ouro o patinho de madeira folheou.

Ali estava tão divertido...
se não fosse a curiosidade
que o raio de sol agitava,
eternamente ali queria ficar.

Saiu, porém...
a cozinheira espiou
temperando a carne.
Foi ver se a babá
já se preparava
para cuidar do bebê.

Mas, ao vislumbrar o jardim,
o raio de sol voou
e na corola de uma flor se debruçou...

Com muito esforço,
penetrando nos ramos da árvore,
subiu a um ninho de sabiá
para nele descansar.
Depois, nas águas do lago roçou.
Aos trabalhadores sede levou
e fez a terra ficar queimando,
ao calor do meio-dia.

Será que alguém, todas
essas façanhas contemplou?
Essas aventuras matutinas,
simplesmente luminosas?
Esses caminhos rotineiros,
peregrinações extraordinárias?

Na paz de uma clareira,
o raio de sol adormeceu.
Por instantes deixou de ser travesso,
de ser moleque fatigado,
de ser malandro curioso,
de ser terno também.

E muito, muito depois,
bem acima do cume
das verdes montanhas,
muito além da terra diminuta,
no seio das nuvens,
sem nada falar,
sem nada mais fazer,
sem gritar nem chorar,
o raio de sol morreu...

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 24 de outubro de 1960.

Procurando os Sons

Porque tanto chorou,
mas muito mais sorriu,
bem melhor viveu.
O baobá imponente tem
raízes majestosas,
imensas como sua força
de árvore sem medo.

O sono da liberdade,
o sonho da libertação,
tem gosto de urgência,
uma voz indisfarçável.

O espantalho erguido nos campos,
ainda que sem vida real,
guarda a vida latente,
protege o pulsar das sementes.

Realejo a encantar
a garotada irrequieta
com melodia de anjos
disfarçados na imagem,
visíveis nos sons.

Cadê a gaita? E o violão?
Cadê a flauta, aonde foi?
Quem levou a sanfona?
Quem escondeu o bandolim?
Tenham paciência...
daqui a pouco voltam:
foram buscar os sons!

Theresa Catharina de Góes Campos
Estoril - Portugal, setembro de 1960

Plaisanterie D'Amour

Si la parole choisit toujours les mots
et les mots prennent toujours la parole...
même quand nous donnons un discours
qui parle et chante les rêves d'amour...
est-ce que les mots peuvent se réfuser
à dire quelque chose? Est-ce que
la parole peut un jour choisir le silence,
à cause d›un amour qu›elle veut cacher,
au nom de cet amour en décidant se taire?

Theresa Catharina de Góes Campos
Montreux - Suisse, (1960)

O Jovem Leitor de Jornais

Vítor está agitado, ansioso. Porque seu pai está lendo os jornais rapidamente, como faz todos os dias, depois do almoço, antes de retornar ao trabalho.

O menino de 3 anos fica embevecido quando vê o papai, já sem rir nem brincar com ele, olhando as letras, as figuras...dobrando as páginas enormes daquele "livro" chamado jornal...que chega todas as manhãs, bem cedinho.

Vítor acompanha a saída do pai, nesse momento bem apressado. A mãe e ele são beijados...o pai segurando a pasta de trabalho em uma das mãos.

Alguns minutos mais tarde, o menino está sentado na poltrona há pouco ocupada por seu pai. Vítor tenta segurar com firmeza o jornal que seu pai estava lendo. A babá vem à sala, onde encontra o garoto com os óculos escuros da mãe, fingindo compreender o que aquelas páginas imensas e soltas estão contando silenciosamente. A mãe aparece e, assim como a babá, dá uma boa risada.

Em seguida, ela vai até o filho, lhe faz um carinho...mas recupera seus óculos. Explica a Vítor que ele não precisa usar óculos para enxergar. Mostra, ainda, que a tinta do jornal sujou as suas mãos. A babá leva o garoto para lavar as mãos.

Aqueles poucos minutos de "leitura" fizeram Vítor se sentir importante, um pouquinho igual a seu pai.

Theresa Catharina de Góes Campos

Aljubarrota - Portugal, setembro de 1960

La Bénédiction

Les maisons et les rues seront bénis
à cause de la bonté des mains,
de la beauté du coeur sensible,
des yeux charitables et solidaires.

Tout sera béni ...parce que la pensée
se montre dédiée tout le temps à l'amour.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Suisse, (1960)

As Lágrimas de Neve Sobre os Pinheiros

As lágrimas dos pinheiros
à margem do lago
coberto com um tapete
todo branco.

As vozes do vento e da água
partilham alguns segredos.
As lágrimas dos pinheiros:
a neve a chorar a noite inteira
sobre os pinheiros.
Onde estão as pessoas
plenas de amor a partilhar?

Mas quando o inverno é vencido
pelas flores,
as lágrimas deixam o rosto,
o peito dos pinheiros
com verde brilhante.

As vozes do lago e do vento
ainda estão lá.

— Tudo bem?
— Não, isso não vai bem!
— Vamos?
— Não, não vamos!

— Quem está ali?
— Quem chegou?
— Alguém está chorando.
— Não se chora de amor.

O amor se canta!

— Vamos sorrir, cantar e dançar
por causa do amor
que chegou à margem do lago
com o vento e o sol.
Canções de amor
que não se esquece jamais.

É preciso deixar
as lágrimas para o inverno
e a neve, para os pinheiros.
É preciso cantar
muito antes do inverno.
Porque os pinheiros em lágrimas
tremem de amor durante todo o inverno.

Até a primavera é preciso
a chegada das flores aguardar.
Para as lágrimas enxugar.
As lágrimas dos pinheiros
cobertos de neve à margem do lago.
As lágrimas dos pinheiros
têm uma voz poderosa
para segredos do amor confessar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lac Léman, Genebra - Suíça, 1960.

Les Larmes de Neige Sur Les Sapins

Les larmes des sapins
au bord du lac
couvert avec un tapis
tout blanc.

Les voix du vent et de l'eau
partagent quelques secrets.
Les larmes des sapins:
la neige à pleurer toute la nuit
sur les sapins.
Où sont les êtres
avec plein d'amour pour partager?

Mais quand l'hiver est vaincu
par les fleurs,
les larmes laissent le visage,
la poitrine des sapins
en vert brilhant.

Les voix du lac et du vent
sont là encore.

— Ça va?
— Ça ne va pas!
— On va?
— On ne va pas!

— Qui est là?
— Qui est arrivé?
— On pleure!
— On ne pleure pas d'amour.

On chante l'amour!

— On va sourir, chanter et danser
à cause de l›amour
venu au bord du lac
avec le vent et le soleil.
Chansons d'amour
qu'on n'oublie jamais.

Il faut laisser
les larmes pour l'hiver
et la neige, pour les sapins.
Il faut chanter
bien avant l'hiver.
Parce que les sapins en larmes
tremblent d'amour tout l'hiver.

Jusqu'au printemps il faut
attendre les fleurs.
Pour effacer des larmes.
Les larmes des sapins
couverts de neige au bord du lac.
Les larmes des sapins
ont une voix puissante
pour avouer les secrets d'amour.

Theresa Catharina de Góes Campos

Lac Léman, Génève - Suisse, 1960.

Águas Vivas

Cascata que ri,
aqui e acolá,
na gruta sagrada,
tem beleza mística,
faz chamado pessoal
ao coração atento.

Um córrego falante
a recitar versos,
a pedir orações
e abrir caminhos
na mente e na alma
torna a pausa refrescante.

Límpida e milagrosa
água de Fátima abençoada,
fonte santa de Lourdes,
roteiros de misticismo,
santuários venerados.
A renovar promessas
de muita esperança,
nos peregrinos difundida.

Procura-se a presença
vivificante das águas...
nos mais diversos recantos,
em todas as suas formas
e nas múltiplas vozes
nos mapas seguidas.

Nas florestas, águas vivas,
banhando o corpo cansado.
Altar escondido, quase invisível
de tantas bênçãos e graças
sem fim, como o amor de Deus.

Theresa Catharina de Góes Campos
Fátima - Portugal, setembro de 1960

Perguntas Sem Respostas

De tanto perguntar,
sem respostas obter,
aprendeu ao silêncio amar.

De tanto caminhar
sem chegar,
decidiu valorizar
todos os passos.

De tanto sonhar,
perdeu-se no sono,
acordou perturbada,
sonhando com a vida.

De tanto rezar,
sentiu Deus a seu lado
indicando seu Anjo da Guarda.

Saiu sem voltar,
chegou sem partir,
desapareceu outra vez
no silêncios dos sonhos
incompreendidos, enigmáticos,
sempre renovados.

Cantou versos,
escreveu canções.
Foi tocar os sinos,
badalar e celebrar
o passar das horas.

Na fonte dos sonhos,
nos sons e timbres dos sinos;
no canto das aves,
no sonho da semente,
reencontrou os sonhos
esquecidos, perdidos
nos corredores do tempo.

A roldana puxou a água
cantando os versos da fonte.
Sem responder às perguntas,
sem deixar de perguntar,
o silêncio já procurado,
e nos enigmas amado,
emudeceu nas dúvidas.
Apenas por um tempo,
desistiu de questionar.

Theresa Catharina de Góes Campos

Cascais - Portugal, 1960.

Espaço Ilimitado

No espaço
ilimitado
do coração,
há sempre fronteiras
a conquistar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Genebra - Suíça, agosto de 1960

Não Matem a Esperança!

Quem já ensurdeceu de dor
não pode mais ouvir
palavras ferinas.
Quem ficou cego de tanta tristeza
e maldade que viu
hoje tem os olhos embaçados de lágrimas;
caminhos, beco e pontos se confundem.

O corpo geme e vacila;
a alma também;
a voz enrouquece, desiludida;
a esperança vai morrendo
e a gente vira fantasma.

Entontecidos e amargurados,
mas ainda procurando defender
a Fé que, apesar de tudo,
não morreu dentro de nós,
corremos, assustados e mortificados,
em busca de outros cegos,
à procura de loucos,
chamando os surdos,
questionando os mudos.

Brancos e negros, apesar do apartheid,
somos irmãos na dor
da desilusão que se repete.
Somos todos fantasmas da vida.
A união jamais alcançada

na alegria e no amor
hoje é irmandade de sofrimento.

O coração ainda bate no peito,
embora os olhos não mais sorriam.
A boca ainda emite gemidos;
não diz mais palavras de amor.

Os olhos conseguem chorar
e as lágrimas banham
a voz transformada pela dor.

Não mais importa que o sangue
corra nas veias como vertente natural.
Não mais importa que o nosso andar
pareça indicar uma vida normal.
A verdade vem à tona, persistente
como o suor que não se esconde;
já morremos dentro de nós...
porque matamos a esperança
em nosso íntimo
ao desistirmos de lutar
contra as injustiças
que não parecem nos atingir pessoalmente...

Theresa Catharina de Góes Campos
Dacar - Senegal, agosto de 1960.

Sonhos Irmãos

Quando fugimos
dos gritos e das lágrimas
de nossos irmãos,
perdemos nosso direito
ao silêncio criativo.

Os sonhos dos que nos cercam
são irmãos de nossos sonhos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Suíça, agosto de 1960.

Ternura Insistente

Os sorrisos que jamais esbocei
apagaram o brilho de meus olhos.
A ternura que não retive
dentro de mim
superou todos os obstáculos
e, vencendo o medo,
mostrou-se mais forte que a neve.
Ternura insistente,
ternura vencedora!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris - França, setembro de 1960.

Terre des Hommes

À Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), aviateur, journaliste, héros... qui nous a écrit de beaux livres.

On va dire tout
aux étoiles d'Exupéry.
Mais il faut se taire
devant les hommes
perdus dans le désert
de leur orgueil.

On va courir
devant les fleurs,
mais pas si
on écoute les bruits
de la guerre.

Il faut beaucoup de courage,
beaucoup d'amour,
pour parler aux hommes.

Avec les fleurs
on peut parler d'amour.
En regardant les étoiles,
on peut causer
sur la tendresse
cachée au coeur pur
du Petit Prince.

On voit que,
sans retard,
le renard viendra.
N'oubliez pas les jardins,
la rose unique,
les fontaines au désert,
les champs du blé doré!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris - France, le 8 septembre 1960.

Terra dos Homens

A Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), aviador, jornalista, herói, que nos escreveu belos livros.

Tudo se vai dizer
às estrelas d'Exupéry.
Mas é preciso se calar
diante dos homens
perdidos no deserto
de seu orgulho.

Vamos correr
diante das flores,
embora não,
se ouvirmos os ruídos
da guerra.

É preciso muita coragem,
muito amor,
para se falar aos homens.

Com as flores,
podemos falar de amor.
Com as estrelas
podemos conversar
sobre a ternura
escondida no coração puro
do Pequeno Príncipe.

Sabemos que,
sem atraso,
a raposa virá.
Não esqueçamos os jardins,
a rosa única,
as fontes no deserto,
os campos de trigo dourado!

Theresa Catharina de Góes Campos
Paris - França, 8 de setembro de 1960.

Minuto de Paz

A meus adorados Pais, com todo o amor de filha

Há algo nesta praia,
neste mar, nestas ondas,
nesta praia...

Voz que fala ao meu coração,
me tranqüiliza,
me faz achar a vida bela,
me faz ver beleza neste mundo triste,
me faz ficar em paz...

Por isso, não me interessa
saber que as ondas trazem conchas,
não me importa o movimento das águas,
a maré que está secando,
a areia que parece aumentar...

Agora, neste momento,
o meu mundo, a minha vida,
estão resumidos
neste canto de areia
em que estou sentada.
De tudo que me rodeia,
percebo apenas
a profunda paz que sinto
e me faz feliz...

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 24 de outubro de 1960

Saudade Vai de Correio

Uma espada afiada
que fere o coração.
Uma dor pungente
de uma grande paixão.

Uma carta que leva
a intensa saudade
de alguém que partiu
levando consigo, a felicidade.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 24 de outubro de 1960.

As Flores Vestidas de Luz

Eis que o momento esperado
nos sonhos e no dia-a-dia
chegou, afinal realizado.
As flores vestiram-se de luz,
as folhas saudaram o arco-íris
e sorriam para o sol
com a mesma alegria
com que acenaram
para o orvalho matinal.

Você esperou por mim
no topo da colina.
O seu sorriso tinha a magia escondida
que eu só conhecera, antes,
na mansidão do pôr-do-sol.

O seu sorriso cobriu de prata
as planícies que recordávamos;
e as flores continuaram sorrindo,
enquanto os córregos sussurravam,
trocavam confidências inesperadas
com as árvores mais amigas;
e os ramos de todas as árvores
inclinavam-se para ouvir as abelhas
numa coreografia de movimentos sonoros.

Ansiosos pela ternura um do outro
viemos de tão longe,
com o coração pesado
e magoado... bem medroso
por causa de gestos falsos
e das palavras vazias;
coração medroso
por causa dos sonhos
que morreram meninos
e das carícias perdidas
nos vales profundos do tempo.

Eis que o milagre do amor
revestiu o mundo de uma nova beleza,
como o toque novo de verde
que a primavera usa
como varinha de condão
após o silêncio do inverno.
E as árvores abriram seus braços –
não mais vazios de folhas –
para o céu primaveril.
Todo o universo parecia novo
quando as promessas de amor
deram um sentido à busca
que parecia sem sentido.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lac Léman, Genebra - Suíça, 05/09/1960

(A seguir, a versão original deste poema, em inglês)

The Flowers Dressed in Light

Then, the moment I waited for so long,
in my dreams and in my daily routine,
came as reality at last.
The flowers dressed in light,
the leaves greeted the rainbow
and smiled at the sun
with the same joy they waved
to the morning dew.

You waited for me
at the top of the hill.
Your smile had the hidden magic
I had seen before only
in the quiet sunset.

Your smile covered in silver
the plains we remembered;
and the flowers were still laughing,
while the streams were whispering,
exchanging unexpected confidences
with the most friendly trees;
the branches of the trees
were bowing and listening to the bees
in their choreography
of sounds and movements.

Eager for each other's tenderness
we came from so far away,
with a heavy heart,
feeling hurt… and so much afraid
because of false gestures
and empty words;
a fearful heart
because of dreams
which died young
and lost caresses
in the deep valleys of time.

Then the miracle of love
gave a new beauty to the world
like the new green touch
Spring always gives
with its new green touch
after the silent Winter.
And the trees opened their arms –
no more empty of leaves –
for the spring sky.
The whole universe looked as new
when the love promises
gave a sense to the search
which apparently had no sense.

Theresa Catharina de Góes Campos
Lake Leman, Geneva - Switzerland (September 5, 1960)

Deus: O Artista Maior

Criador e criativo,
Ele nunca Se repete.
Jamais estabelece suas fronteiras
nos espaços limitados
do ontem, hoje, amanhã.
Artesão e artista maior,
em permanente processo
de inspiração e criação,
Seu espaço é ilimitado:
o universo, o infinito.

Theresa Catharina de Góes Campos
Versalhes - França, 07/09/1960.

A Esperança Invencível

Conhecemos alguns caminhantes
de esperança invencível,
fortalecidos por uma energia
que, dentro de si mesmos,
movimenta seus corpos,
impelindo-os a caminhar
enfrentando ventos e neve.

Homens e mulheres a buscar um ideal
ao qual se dedicam
porque lhes sintetiza a vida.
Um poder imperecível,
uma crença
a iluminar cada vereda
com uma alegria independente
de qualquer recompensa material.

Um escândalo para o mundo!
Uma bênção para nós!

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Suíça, agosto de 1960.

Versão original:

The Unfailing Hope

We know a few people
who walk with unfailing hope,
a force inside moving their body,
forcing them to walk
against wind and snow.

Men and women searching,
giving themselves to an ideal
that summarizes life to them.
An imperishable power,
an ideal,
brightening up any path,
giving joy,
independent of any material reward.

A scandal to the world!
A blessing to us!

Theresa Catharina de Góes Campos
Gruyères - Switzerland, August, 1960.

Enxugar as Lágrimas

Você já pensou
na beleza criada
pelas mãos paradas
a desenharem
o gesto em potencial?

Alguém já explicou
que a essência das mãos
se definiria ...
no que estão prestes a criar?

Se os homens cantassem
os sonhos e as ilusões que matamos
nas profundezas de nossos corações,
muitas mãos se uniriam
a criar e a construir,
apaziguar, consolar...

Se proporcionássemos às crianças
a alegria da paz,
na companhia de pássaros e borboletas,
os seus risos seriam puros
e teriam o poder inocente
de apagar nossas lágrimas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montreux - Suíça, agosto de 1960.

(a seguir, a versão original, em inglês:)

Wiping Out Tears

Have you ever thought
about the beauty
quiet hands create
when they draw
the potential gesture?

Has someone ever explained you
that the essential thing in a hand is…
what the hand is about to create?

If men would sing
the dreams and the fantasies
we kill deep down in our hearts,
many hands would get together
in order to create and to build,
to quiet down and to console…

If we would provide the joy of peace
to all children,
as well as the company of birds
and butterflies,
their laughs would be pure and
they would have the innocent power
to wipe out our tears.

Theresa Catharina de Góes Campos
Montreux - Switzerland, August 1960.

Razão de Todas as Coisas

Eu penso.
Eu existo.
Eu amo.

Porque você pensa em mim.
Porque você existe.
Porque você me ama.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, abril de 1960.

O Vazio Se Faz Pleno

Somente no amor,
em seus disfarces múltiplos,
o vazio se faz pleno.

Nada mais preenche os vazios
que pesam em nós, como fardos.
Sim, definitivamente, só no amor,
em nome do amor, os vazios se vão.

Dinheiro e poder, fumo e bebida,
só aumentam o peso dos vazios
que se tornam de repente plenos
na sonhada presença do amor.

Theresa Catharina de Góes Campos
Aljubarrota - Portugal, setembro de 1960.

Minutos

Para os meus adorados pais, com todo o carinho de sua filha Therezita
Recife - Pernambuco, 07 de janeiro de 1961

Sentada na areia,
contemplando o mar,
a moça embebia-se do verde
que, na areia, em ondas se derramava.

O menino foi ficando triste,
começou a chorar,
e ninguém conseguiu a ele consolar,
porque ninguém sabia,
ninguém compreendia,
ninguém se detinha a meditar
que não pode ser alegre
um garoto de orfanato.

Olhou o rio que seguia silencioso,
ora calmo, ora revolto,
todos os dias sempre o via.
Olhou tanto a profundeza de suas águas,
tanto a sua magia, seu encanto,
que parecia mesmo ter achado nele
a coragem que lhe faltava.
Entretanto, depressa sentiu:
não tinha a coragem
que possuía o rio.
Jogou nele sua vontade de morrer,

lançou nele seus planos de fuga da vida,
seu desespero, sua angústia, sua fraqueza,
sua covardia,
e calmamente recebeu
a lição de coragem que lhe comunicava -
continuou seu caminho,
continuou a viver...

Após longo tempo de separação encontraram-se.
Olharam-se com o mesmo amor de outrora,
sentiram tudo que costumavam sentir,
todo o amor que dedicavam um ao outro.
E seus olhares juraram,
em muda e perene promessa
que, daquele dia em diante,
onde um estivesse,
o outro estaria também.

Descansava no peito do pai,
confiante, a cabecinha do garoto;
seu narizinho roçava aquele rosto,
suas mãos envolviam-no docemente.

Chegando, então, a que era esposa e mãe,
e contemplando tão bela cena,
nada disse,
porque não sabia transformar em palavras
a ventura que sentia.
Aproximou-se dos dois
e os abraçou com carinho,
assim ficando por longo tempo.

Ele não estava ali, a seu lado.
Lutava pela liberdade em sua pátria,
estava bem longe...
Entretanto, o retrato que deixara
consolava um pouco sua noiva,
a ela ficava acompanhando,
dando-lhe apoio.
O sorriso do noivo até viu
quando a moça, depois de contemplá-lo
tão demoradamente a suspirar,
começou-lhe uma carta,
quase chorando,
tentando naquelas linhas colocar
todo o seu afeto de juventude.
Toda a tristeza e vazio despertados
por sua angustiante ausência.
Todo o desejo vão que tinha de revê-lo!

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 10 de dezembro de 1960

Homenagem a Glaine e Lúcia Isabel

Duas meninas há, em nosso querido Colégio de São José, que são para nós (Será que sabemos?) grandes colegas. Verdadeiras líderes de classe, sacrificando amiúde seu tempo já tão empregado em outras coisas úteis, lutam realmente para manter acesa, também em nosso coração, a chama do ideal por que vivem.

Na direção do Grêmio ou na política estudantil, são dignas de nossa admiração. Dificilmente alguém conseguirá igualar GLAINE e LÚCIA ISABEL no entusiasmo e na persistência com que se batem pelas causas justas. Dificilmente poderá alguém dizer que ainda não viu o trabalho que elas realizam, ou os resultados que as duas conseguem, juntamente com outras meninas também muito dedicadas. Nobreza de caráter, simpatia, inteligência, cultura e espírito de sacrifício não lhes faltam. Sabem quão necessário é o impulso da personalidade rica em virtudes que possuem e, de modo algum desiludem os que esperam delas tanta coisa.

A GLAINE e LÚCIA ISABEL devemos, portanto, mais do que pensamos e, consequentemente, pouco temos demonstrado em agradecimento.

Que agora sintam, pelas nossas atitudes e por estas nossas palavras, de profunda admiração, o quanto lhes queremos bem, pelo que são e pelo muito que fazem por todas nós.

Theresa Catharina de Góes Campos

(1º ano do Curso Clássico - Colégio de São José - Recife - PE)

Jornal O FAROL, Recife - PE, outubro de 1960.

1961

Aos Dezesseis Anos, Homenagem a Mamãe

Mamãe querida:

Eu a amarei cada vez mais.

Refleti hoje seriamente e compreendi: não, jamais esquecerei o que tem feito por mim. Isso porque não é possível que sejam olvidadas as palavras amigas, os conselhos, os exemplos que não morrem.

A fé em Deus, a maravilhosa essência de nossa religião católica, me foram incutidas e, de modo especial, cultivadas, desde a minha infância. Mais tarde, no auge da adolescência, a senhora foi a amiga constante e compreensiva que tentava esclarecer as minhas dúvidas, que me ajudava a desvendar o mistério da vida. O maior presente de 15 anos que recebi foi vencer o horror à existência, devido às dolorosas tragédias observadas à volta; o pessimismo com que eu olhava as dificuldades e os sofrimentos cotidianos. Se não fosse o seu auxílio, eu não saberia que a glória almejada é lutar; continuaria a ignorar que os homem vivem, não para serem felizes, mas com a finalidade de se aperfeiçoarem e, assim, alcançar o seu Criador.

Quando sinto paz e alegria, agradeço por sua compreensão materna e procuro em tudo o que vejo o reflexo da ternura que observei na senhora; e as flores, o mar, as árvores, o próprio chão, duro e áspero, ou coberto de grama, parecem me recordar a mão amorosa que me guia.

O meu coração, agora livre de idéias absurdas, busca entender as lições que me ensina; se o meu egoísmo é um pouco menor atualmente é porque encontro, na minha querida mamãezinha, doses cada vez maiores de caridade.

Ao perceber que a impaciência ou o desânimo me assaltam, me vem ao espírito a sua imagem incansável; procuro apreender todo o carinho que há em seus olhos, toda a doçura e suavidade de sua alma.

Muitas vezes, porém, me sinto triste. Eu não posso retribuir tanta dedicação como desejaria, eu não posso devolver um amor tão grande! ...

A menos que, pouco a pouco, avançando e tropeçando sob a mansa vigilância de seu olhar, eu continue a amá-la cada dia mais.

Sua filha

Therezita

Theresa Catharina de Góes Campos

Recife - PE, 15 de outubro de 1961

(*Carta manuscrita, que escrevi na data do aniversário natalício de mamãe, encontrada em seus pertences após a sua morte, em 14 de junho de 2008.Theresa Catharina)

Coletânea de Sonhos

El sueño es para cambiar/usted y el mondo.
Theresa Catharina de Góes Campos

Coletânea de sonhos
para a tristeza anular
face às decepções da vida.
Porque é melhor aplicar
receita bem superior
à de fadas e bruxas,
personagens de lendas
antigas, repetidas,
cantadas por muitas gerações.

Coletânea de sonhos
junto ao peito carregar
não é miragem, é oásis!

Água e tâmaras,
abrigo de palmeiras,
tendas hospitaleiras,:
coletânea de sonhos.

Nos livros, refúgio buscar;
na solidão interior,
cercada de convivência externa,
em coletânea de sonhos,
utopias cultivar.

Ter fé no sonho
da metamorfose prometida,
anunciada por sinos e fontes,
profetizada em versos,

forças vai nos dar
para o deserto atravessar,
mesmo com tempestades de areia.
Para os naufrágios da vida
corajosamente enfrentar.

Para sobreviver
aos naufrágios da vida,
uma coletânea de sonhos
se faz necessária.
Para que os náufragos sobrevivam
ainda mais fortes,
metamorfoseados
muito além dos mais belos sonhos.
Vidas celebradas,
cantadas por sinos e fontes.

Naufragar,
sofrer,
porém lutar,
revigorados
por uma coletânea de sonhos.

Melhor não questionar
o porquê de tantas perguntas
e dúvidas
na coletânea de sonhos.
Seria como indagar
o porquê de tanta vida,
o porquê de tantos sonhos!

Theresa Catharina de Góes Campos

Santos - SP, fevereiro de 1961

Por Que Existem Rosas

Para a minha adorada Mamãe, com todo o amor de sua filha. Salve o Dia das Mães!
Therezita

(Valéria era bonita,
era elegante,
era admirada por todos;
recebia sempre rosas,
mas não deixava de ser
egoísta,
indiferente,
leviana.

Valéria era bonita,
era elegante.
Só não era ternura,
só não era amor,
só não era rosa.)

Deus colocou no mundo as rosas
para tornar menos árida a terra,
para alegrar a nossa vida
e tudo o que ela encerra.

As rosas brotam
porque precisam perfumar.

Deus também colocou no mundo as rosas
para que fossem ofertadas
pelos homens, uns aos outros;

para que embelezassem um lar,
para que tornassem singelo
um trecho qualquer de caminho.

As rosas florescem
porque sua missão é alegrar.

As rosas são belas,
as rosas são puras,
as rosas são presentes de Deus
à humanidade pecadora.

As rosas existem
porque purificam a terra.

Só a rosa murcha,
só a rosa morta,
só a rosa que já deu tudo,
não tem perfume.

A senhora é rosa, Mamãe,
porque perfuma a nossa vida,
porque alegra a nossa casa,
porque purifica a nossa alma.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 14 de maio de 1961.

Obs. Original manuscrito, do qual eu não tinha cópias, reencontrado por minha irmã entre os pertences de nossa Mãe, em outubro de 2008, quatro meses após a sua morte. Poema que Mamãe guardou, mesmo tendo mudado de residência (em diferentes cidades, estados e até país!).

Theresa Catharina

Menina Sou...

Uso vestido, laço de fita,
flores nos cabelos.
Menina que tem bonecas
para brincar de mãe e filha
em casas de miniatura,
com mobília, fogão, pratos e
tudo mais de que elas precisam.

Vestida pela mamãe,
menina sou, com roupa de boneca.
Já sei cantar com voz doce
para embalar o sono de minhas filhas.
Vou aprender mais canções de ninar.
Pretendo ter muitos, muitos filhos!
Por isso estou treinando,
para saber cuidar bem da família.
Porque depois, não será mais
brincadeira de menina...
vai ser mesmo de verdade!

Theresa Catharina de Góes Campos
João Pessoa - PB, maio de 1961

Theresita
13/1/943.

As Viagens do Vento

Vento gosta de viajar sem parar.
Sozinho, seguro de si, vigoroso,
assovia, canta, desperta a lua,
convoca as estrelas, acorda o sol.
Até faz visitas sem avisar...
bate nas portas das casas,
ameaça quebrar as vidraças,
entra nas casas falando alto,
faz voar as flores nos vasos,
arranca do jardim os amores-perfeitos.
Ou vai entrando sem bater,
como se fosse dono de tudo.
Até nas igrejas históricas
o vento entra sem a menor cerimônia.

O Vento veleja, navega,
convoca as ondas, desperta
os peixes, os cavalos-marinhos,
chama as sereis pra cantar com ele.
Faz até coro com os golfinhos,
unindo sua voz às suas melodias
de comunicação, inteligentes,
sensíveis, que acompanham
seus movimentos graciosos.
Vento veleja e navega,
sem ter medo das ondas do mar.
Acho até que ele faz
coleção de búzios e conchas,
para não se esquecer do mar.

Não sei se o Vento viaja
com ajuda de mapas.
O certo é que não pára
de viajar, subir e descer
montanhas, escadarias,
vales e colinas, senhor de si.
Viaja até o Polo Norte,
segue depois até o Polo Sul.
Conhece os iglus, sorri dos
pinguins trajados a rigor.

Chega aos escaldantes desertos,
ao oásis hospitaleiro dos berberes.
O Vento atravessa também os lagos,
cruza os desfiladeiros, sem medo;
faz-se presente nos vales,
quando é de sua vontade.
Sim, porque ele me parece
ser um viajante egoísta e mimado.
Malcriado, insolente e voluntarioso.
Quase um ditador ...se a natureza
deixasse o Vento mandar em tudo.
Nas florestas e matas, o Vento
não se faz de rogado: assovia
e canta com as folhas,
os ramos e as copas
de árvores tão altas
que podem estar a desafiá-lo.

Será que o Vento também conhece
canções de ninar, ou
histórias para contar
às crianças como eu?
Se o Vento não sabe,
é porque não aprendeu...
e não aprendeu porque
ele não pára de viajar.
Que vida boa!
Se parasse um pouco
iria aprender a recitar,
com os garotos de Olinda,
a história das igrejas.
Se ao menos por alguns minutos
o Vento aceitasse parar,
nas lindas paisagens de Olinda,
aprenderia com os pequenos guias,
a repetir a história da cidade
e de seus mosteiros serenos.
Mas Vento não pára nem
para aprender, só faz passear...

Vento viaja, voa, veleja
e navega, afoito, ousado.
Viaja e viaja pra todo lugar.
Até sem bússolas, nem mapas.
Vento nem precisa de avião!
Aliás, gosta muito de empurrar
o vôo desses aviões, acompanhar

suas asas, os seus motores,
porque, penso eu, sem ter muita certeza,
que o Vento os considera seus amigos.
Deve ser também admirador
de seu colega viajante Marco Polo,
de Dom Quixote e do meu herói aviador,
o escritor francês Saint-Exupéry.

Vento só faz viajar.
Viajar e passear...
O Vento não cansa de viajar.
Nem de viajar, nem de velejar,
nem de voar, nem de navegar.
Nem de assoviar e cantar.
Nem de entrar sem cumprimentar
e sair sem dizer até logo ou adeus.
O que Vento gosta mesmo é de viajar.
E brincar de esconde-esconde.
Não aceita ordens nem limites.
É indisciplinado e teimoso.
Decide viajar e pronto! Vai!
Sem combinar com ninguém.
Que aventura, a vida do Vento!
Vento viaja, viaja, até cansar.
Acho, porém, que ele não cansa.
Pois ninguém cansa de coisa boa.
Vento vive a brincar, rodopiar e dançar.
Vento veleja, voa, navega e faz um balé
de nuvens e mais nuvens de poeira.

Sem relógio nem roteiro,
é uma aventura atrás da outra.
Nem sei por que, às vezes,
o vento parece estar zangado,
com raiva das pessoas,
que correm dele, depressa.
tentando escapar de sua fúria.
Vento vive a passear.
Sua vida é brincar, brincar.
Que vida boa o Vento leva!
Vou perguntar se posso, um dia,
quem sabe, acompanhá-lo
em suas muitas viagens.
Nem precisará me dizer
qual o destino: vou com ele,
para onde o Vento me quiser levar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Olinda - PE, junho de 1961.

Mandei o Sol Buscar a Chuva

Fazia tanto calor!
O sol brilhava demais...
Mandei que ele fosse
buscar a chuva, rápido,
rapidinho, sem demora.

Como as horas se passavam
e os pingos da chuva não chegavam,
fiquei muito aborrecido...
"Vou conversar é com as sombras
do sol, pois acho que são poderosas."

Não fiquei surpreso quando,
logo, logo, bem depressa,
os pingos da chuva estavam
lavando o meu rosto.
Achei bom demais...porque
mamãe vive a me exigir limpeza.
Que bom, minha mãe não quer
o seu filho de rosto sujo!

Theresa Catharina de Góes Campos
Salgueiro - Pernambuco, julho de 1961

Solidão Criativa

Às margens do Rio São Francisco,
afasto-me do grupo por uns momentos
para vivenciar uma criativa solidão,
para ter meus instantes de reflexão.

Na intimidade tranquilizadora
que muito pede o coração,
buscando a serenidade
no arfar e pulsar da natureza,
no vento que se anuncia
docemente, suavemente,
acompanhando esta solidão
mais que tudo reparadora
da exaustão no fim do dia.

Sinto, percebendo seus movimentos
imperceptíveis, quase silenciosos,
que a mente ainda está indecisa
sobre os caminhos... e a direção
que deveria escolher o coração.

Na verdade, batendo forte, mas
tentando a emoção disfarçar...
talvez tremendo de frio e calor,
quiçá sonhando com destemor.

Todos nós podemos parar um pouco.
Nem é preciso dissimular tal intenção.
Escolha um recanto, uma sombra de árvore,
ou simplesmente um livro, ou tome a decisão
de se presentear com uma solidão criativa.

Ou deixe o vento escolher
por um momento onde ir,
o que aceitar ou discordar,
o que mais calar ou dizer,
o que decidimos silenciar.

Faça uma oração a São Francisco.
Descubra um caminho desconhecido.
Encontre uma clareira, ou talvez,
uma gruta no seu íntimo agitado,
para a sua meditação reparadora.

Theresa Catharina de Góes Campos
Belém de São Francisco - PE, 1961

A Glória da França, A Simpatia de Portugal

Passei 18 dias na Europa e tive a oportunidade de visitar a Suíça, França e Portugal.

Achei Genebra linda: os bosques! o estilo de casas realmente original! A estrada para Caux-sur-Montreux vai costeando o Lac Léman. Quantas flores pelo chão: azuis, amarelas, vermelhas, brancas! Nas casas, havia gerânios nas portas e janelas. Algumas pessoas passeavam, outras tomavam banho. Cisnes nadavam, enquanto alguns pássaros pousavam na superfície límpida das águas. Passamos por vários templos protestantes, porque não estávamos na região do país com uma população católica. Pudemos ver também o tão comentado Palácio das Nações e o Escritório Internacional do Trabalho. São edifícios imponentes, a contrastar com a simplicidade da natureza. Em apenas duas horas aproveitamos para atravessar Lausanne e, finalmente, Montreux. Há vários hotéis pelo trajeto e soubemos que, em um deles, se encontrava a Imperatriz Elizabeth da Áustria, Sissi, quando foi apunhalada perto do lago. Subindo pelas montanhas, a paisagem é deslumbrante. Tive um desejo irresistível de descer do ônibus e andar, apalpar as flores para me certificar de que eram realidade. E sorrir para as crianças, e tocar de leve aquela água que me atraía. A natureza ali se mostra toda harmoniosa, toda singeleza. Parece que, assim, os seres inanimados desejam mostrar a ternura infinita que sentem pelos que têm uma alma. As coisas efêmeras, que passam, não permanecem, demonstram não sentir rancor em relação àqueles que receberam o dom da imortalidade! Que bela lição para a humanidade: as frágeis florzinhas vão cobrindo o pó da estrada, as pedras ásperas do caminho!

Eram 7h30 da manhã quando chegamos à estação ferroviária de Paris. Antes, já experimentara sentimentos inteiramente diversos e, por que não dizer?, eletrizantes para o meu coração. Sempre disse que desejava visitar a França, não só a capital, tão cosmopolita, mas viver uns três meses com o povo das diversas cidades, tentando compreendê-lo, procurando saber

o maior número de informações acerca do seu passado histórico e da sua vida atual.

A grande verdade: amo a França (Estou sentindo agora algo atordoante- parece que tenho um desejo imenso de fazer o mesmo em relação a todos os países). Ela significa, para mim, em primeiro lugar, a terra que Saint-Exupéry amou. E era essa frase que eu repetia interiormente: quando, da janela do meu quarto na Suíça, olhava as montanhas e me lembrava que, além delas, está situado o país cuja civilização é das maiores; quando, no passeio pelo lago de Genebra (Lac Léman), o barco tocou margens francesas e eu, olhando as árvores tão belas, as casas, pensei: - "Tudo isto já pertenceu a invasores"; quando o dia amanhecia e, do trem, contemplava as terras que passavam ligeiras, os extensos campos, as capelas de estilo rústico, sentindo a alma dos lugares, que não me pareciam distantes, difíceis de estimar. Um pensamento martelava o meu cérebro – por ali estiveram os alemães, na Segunda Guerra Mundial, cujo terrível regime nazista foi combatido, na Segunda Guerra Mundial (1939-1944), pela heroica Resistência. Gostaria de ter tomado, em minhas mãos de brasileira, um punhado de areia daquele solo, de andar sem rumo alguns minutos e tocar os ramos das árvores. Talvez até me sentasse para escrever tudo que havia no meu espírito pleno de emoção. Quase não acreditava! Eu estava na França, na França (Que som mágico tem essa palavra!).

Percorremos o movimentado comércio de Paris, vendo suas mulheres elegantíssimas e os homens de cabelos precisando ser cortados, gente com o pão debaixo do braço, sem papel; o progresso da cidade, com seu famoso Metrô, com as Galeries Lafayette (8 andares), etc. O que nos maravilhou, porém, foi a história dessa terra, memória conservada nas praças, igrejas, avenidas e nos monumentos. Na Place Vendôme, há uma coluna dedicada a Napoleão por ele mesmo e construída com os canhões de Austerlitz. A guilhotina ficava na Place de la Concorde, que tem ao centro o obelisco Louqsor, com pedras de três mil anos de idade. A avenida dos Campos Elíseos, com o Arco do Triunfo, é algo emocionante! Inteiramente ladeada por árvores estende-se por kilômetros. No outro lado está a réplica menor ao Arco, feita por Carrousel e situada de modo

esplêndido entre o Louvre e as Tulherias. Ambos datam do século XIX , sendo a distância entre eles de 3 kilômetros.

Não há realmente palavras para descrever perfeitamente o que é o Arco do Triunfo (Arc de Triomphe de l'Étoile). Construído à glória dos exércitos napoleônicos, tem 50 metros de altura. O terraço proporciona uma vista belíssima da cidade. Há dois altos-relevos: o da esquerda, representa o esplendor de Napoleão I, enquanto, à direita, o outro fala dos soldados que partem para a luta. Embaixo do monumento se encontra o túmulo do Soldado Desconhecido (1914 – 1918), cujas flores são mudadas diariamente às 18h15, em tocante cerimônia. Senti muito não ter podido visitar o local. Gostaria de rezar ali por todos aqueles que deram a sua vida, humilde e anônima, pela França. No ônibus, sem descer, fiquei arrepiada, de tão emocionada. Não pensava no famoso general e imperador, não. Vinham-me à mente os sacrifícios do povo, dominado pelos nazistas durante a Ocupação; seus sofrimentos, a revolta que experimentou quando Hitler fez questão de passar sob o Arco. Amei o povo francês ainda mais, chorei... França – bendita terra de grandes homens! França – país que foi amado acima de tudo por seus gloriosos filhos.

Portugal, com os encantos de Lisboa, Fátima, Nazaré, tomou de mansinho o meu coração. Que povo bom, simples, trabalhador! Devemos nos orgulhar de nossa origem! Há um desejo constante de agradar aos visitantes, aos brasileiros, principalmente:

"- Não queremos que se sintam aqui como estrangeiros. Vocês são brasileiros, estão em casa".

O ambiente familiar, com pessoas educadas, bonitas e bem vestidas. Não vi ninguém lendo revistas em quadrinhos, ao contrário, os cabineiros (ascensoristas) do nosso hotel, garotos de 11 a 13 anos, traziam sempre às mãos um exemplar de Seleções ou um livro qualquer. A capital é limpa, bem cuidada, arborizada. Não há favelas. E o mais importante: conservam as tradições com carinho. O turismo, além de organizado, se distingue do francês porque promove o patriotismo. Enquanto o parisiense demonstra

pouco entusiasmo e só trabalhar na tarefa pela qual recebe pagamento e, por exemplo, atravessa quase toda a cidade de Paris sem dizer nada porque a programação do passeio é Versalhes, o português parece declarar a todo momento, mesmo em silêncio: "Eu amo a minha pátria."

Com muita razão, falou um turista argentino: "Quem não viu Lisboa não viu coisa boa". A Praça da Restauração está situada na Avenida da Liberdade, que é bonita e de proporções modernas, não demonstrando ser do tempo do Marquês de Pombal, chamado por isso mesmo de "louco" naquela época. O largo do Roscio, no centro comercial, tem um monumento a D. Pedro IV, nosso D. Pedro I, aliás, um dos soberanos mais queridos em Portugal, por ter livrado o país de seu irmão absolutista, D. Miguel e ter governado liberalmente. O Museu Nacional dos Coches (carruagens), o Museu de Arte Antiga e o de Arte Moderna possuem patrimônios valiosos. Quanto ao Castelo de S. Jorge, confesso: eis o meu preferido, inesquecível para mim. Essa fortaleza, cercada de canhões e jardins, ostenta a imagem do santo como cruzado, sem cavalo e sem dragão; à noite, iluminada, parece um sonho. Sorridente, eu me detive junto ao poço do castelo, rodeado por árvores, encantada por me encontrar abaixo do seu arco abençoado por uma cruz - uma fonte bem especial, de tão singela!

Acho que não faltarei à verdade se disser que me enamorei de Portugal.

Theresa Catharina de Góes Campos

Recife - PE, Jornal "O Farol", novembro de 1961.

Passarinho, Deus Criou Para Voar!

Não gosto de ver gaiolas.
Nelas, os pássaros sofrem.
Cantores generosos,
são prisioneiros inocentes,
chorando por liberdade.

Deus criou os pássaros
com asas destinadas a voar.
Deu-lhes a alegria de cantar,
com sons expressivos e belos,
sua liberdade para voar.

Cantar e voar,
fazer música,
melodias entoar.
Mas como seres livres,
com grande talento,
não como prisioneiros,
sua tristeza gemendo
em gaiolas encerrados,
de sua vocação afastados.

Como posso, em plenitude,
ser livre e contente...
quando aves inocentes,
cantando e pedindo,
talvez a nós suplicando
para nossa vida alegrar,
soluçam sem cessar
o direito de cumprir seu destino
de viver a cantar e voar?

Theresa Catharina de Góes Campos
Cabrobó - Pernambuco, 1961

1962

Não Direi "Não" a Deus

Não direi "não" a Deus...
nem a pau!

— "Que bobagem é essa,
menina tola, falando sozinha?
Isso não é poema!"

Vou pensando, silenciosa:
sim, não é poesia.
Parece um soluço, só,
soluço de lágrimas,
reconheço, desolada,
bastante desconfiada:
não é poema, não.

Como Deus não dorme,
estava a me escutar...
— "Pode continuar, filha!
Não dê ouvidos a quem
não gosta de poesia.
Vá tentando e lá chegará,
lhe garanto Eu.

A jornada vai ser longa,
continue caminhando,
sempre a sorrir e pra frente,
escrevendo seus versinhos.

Não desvie de sua rota,
não vá desanimar:
acolha o seu caminho,
por ele se entusiasme.

Não fique parada, não -
esse é o segredo maior
de tudo realizar.”

Não direi “não” a Deus...
nem a pau!
Ele me conhece,
como conhece você,
na palma de Sua mão,
nos recôncavos de Seu coração,
desde o início dos tempos,
mais profundamente do que nós
poderemos nos desvendar.

Não direi “não” a Deus...
nem a pau!

Se, enlouquecida,
um dia eu lhe disser “não”,
sei que do meu “sim”
Ele não vai jamais desistir!

Theresa Catharina de Góes Campos
Arcoverde - PE, junho de 1962

Prova de Inteligência

Embora o mundo não reconheça,
nem a sociedade saiba valorizar,
a bondade é uma prova luminosa
de como se revela a inteligência.

Theresa Catharina de Góes Campos
Arcoverde - PE, 28 de julho de 1962

As Veias Invisíveis do Coração

Onde e como tocar
as veias invisíveis do coração?
Cadê o mapa, cadê?
Sei não, como chegar
a meu coração descontrolado...

Onde estão os caminhos?
Quem tem os roteiros,
as palavras e os cantos?
Ele não sabe, nem eu...
Nem eu sei! Sei não...
Como vou saber?
Já vou logo dizendo
que não sei mesmo
o coração decifrar.

Se o coração vive escondido,
só perguntando, sem responder,
como se pode qualquer coisa saber
dessas veias invisíveis
que os olhos não vêem,
as mãos desconhecem?
É muito mistério, enigma demais
pra minha cabeça inquieta,
que vive se recusando
a brigar com o coração!

Por que tanto medo de enfrentar
quem não se vê nem ao luar,
nem quando o sol chega
para também tentar?
Por que a mente não esclarece,
não abre o caminho?
Sei não, sei não...
Eles não sabem, nem eu!

Como chegar a uma decisão,
fazer um mapa, um roteiro,
se o coração não fala,
só faz bater, bater,
pulsar, pular como louco,
sem nada para dizer,
tão escondido como a semente
do fruto, da árvore e da flor?
Sei não, é mistério...
Ela não sabe, nem eu...

Se ninguém me contou...
nem chave eu recebi
para abrir a tal porta
que se diz haver no coração,
como vou encontrar
essas veias invisíveis do coração?

Como eu saberia,
se não vi mapa nem roteiro
dessas veias invisíveis do coração?
Sei não, sei não, acho que não...
Acho que sim, ou não sei não...
Vá desistindo de me pressionar
porque não adianta insistir...
Não tenho resposta
porque nem há como perguntar!
Sei não, não sei mesmo...
Estou ainda por descobrir
se há música escondida
nos meandros do coração.
Talvez sim, talvez não,
vou apurar os ouvidos...
Nada sei, reconheço,
sei não...sei não...

Se tantos não sabem
o coração decifrar,
como vou eu saber?
Acreditem: eu também não sei!
Eles não sabem, nem eu!
Deve ser mesmo muito difícil,
em qualquer idade e lugar,
um coração entender!

Theresa Catharina de Góes Campos
Água Preta - PE, fevereiro de 1962

(Estávamos sentados na varanda de uma residência, em Água Preta, um lugarejo onde a família nos oferecera hospitalidade, em apoio ao movimento estudantil do qual fazíamos parte, como líderes da entidade estadual pernambucana. Conversávamos baixinho, para não perturbar os donos da casa, nossos anfitriões, de quem já nos tínhamos despedido, com palavras de agradecimento, pois precisavam dormir e, no dia seguinte, realizar os seus trabalhos rotineiros. Dulce, Ricardo e Paulo Gileno, assim como eu, tentávamos não adormecer, apesar de muito cansados, porque o trem passaria de madrugada, antes do alvorecer, e precisávamos regressar a Recife. Aquelas horas no alpendre, tão agradáveis, apesar da fadiga, foram momentos de confidências partilhadas na maior confiança. Quando um cochilava, os outros ficavam atentos... Ali, no alpendre, éramos jovens idealistas, unidos também pela amizade... às vezes amadurecidos e fortes, outras vezes bem frágeis...)

Nos Dias de Cinema

Meus pais me deram um nome comprido. É bem lindo, eu penso...Quando perguntei o porquê dos meus nomes, mamãe explicou em detalhes...

— "Princesas e rainhas, reis e príncipes, têm mais de um nome. Você, para nós, filha querida, é uma princesa, além de uma rosa ainda em botão."

Disseram também que eu nem preciso usar perfume...porque já sou uma flor.

Falaram que os filhos são especiais para todos os pais, que colocam as crianças sob a proteção de santas e santos de sua devoção.

Ah, que palavras tão bonitas de ouvir e guardar no coração!

Hoje, vamos todos ao cinema. Sim, é uma alegria e tanto, das maiores que conheço!

Tenho só 5 anos. Acho que sou analfabeta. Reconheço as letras, porém. Aprendi também a conhecer, às vezes, alguns sons escritos no papel. Mas confesso que não sei ler.

Costumo fingir que sei ler - pego livros, jornais e revistas...olho as fotos, os desenhos, chamo as letras por seu nome, depois me canso de fingir. Queria muito saber ler de verdade.

Tudo isso contei porque me deu vontade...talvez porque não sei bem.

Hoje é sábado e vamos todos ao cinema. Eu, meus pais, meus irmãos. Uma prima, que sabe ler bem demais, também vai. Meus irmãos, mais jovens do que eu, também não sabem ler. Mas eles não se preocupam em fingir que sabem ...

No cinema, não podemos brincar nem fazer barulho. Cinema tem brincadeira e barulho na tela. Se eu não obedecer as ordens de meus pais, a babá tem autorização deles para me levar de volta para casa. Depressa, sem demora.

Na sala do cinema, vou olhar as figuras, pessoas e coisas que aparecem na tela. Não posso fazer barulho. Devo ficar sentada, quietinha, silenciosa. Não posso perguntar nada, "nadinha". As perguntas ficarão para depois da sessão. Também não podemos comer, nem beber...só depois do cinema.

Ah, que belo filme! Tão movimentado, com lindas cores e muita gente.

O tempo vai passando...acontece, então, eu ficar cansada de ler as letras e os sons que consegui reconhecer. Estou me deliciando com as imagens bonitas. Outras, são divertidas. Aliás, já aprendi algo muito importante...o fim de um filme não é a cena que parece ser o momento final. Nós saímos da sala somente quando o filme, de fato, termina: quando não aparece mais na tela nenhuma letrinha. Aí, deixamos a sala de cinema com vontade de correr, já pensando na sorveteria...onde vou escolher sabores de picolé. Lá, poderei conversar, perguntar tudo que não sei sobre o filme.

Faço tantas perguntas que até me perco!

Ora, se eu vi, mas não sei, tenho que perguntar...até compreender tudo.

Tudo isso contei porque hoje é sábado e, logo mais, vamos todos ao cinema e, depois, à sorveteria.

Um dia bem gostoso. Meu dia preferido. Bem animado. Sempre uma aventura deliciosa.

Theresa Catharina de Góes Campos

Belém de São Francisco - PE, novembro de 1962.

Bolas e Carambolas

Porque o nome da carambola
lá no fim tem bola,
vou comer a carambola.
Depois, vou sair pra brincar,
jogar um tempo com a bola.

Por que eu não posso
chutar também a carambola?
Porque de plástico é a bola,
só posso usar a bola
no futebol? não posso
botar, na boca, a bola?
Por que não posso, suado,
tomar sorvete de graviola?

- Está bem, está bem,
já entendi...vou jogar
lá fora, brincar com a bola.

Antes, vou comer a carambola!
Vou pedir sorvete de graviola.
Quem sabe, se eu não desisto,
se ficar insistindo, pedindo,
ganho tudo isso, que eu tanto quero?
Não somente a bola,
mas a carambola...
e o sorvete de graviola.

Quando eu acabar
de jogar com a bola,
voltarei para casa. Aí,
não vou querer mais carambola.
Nem carambola, nem bola,
nem o sorvete de graviola.

Isso meus pais me disseram:
que vou chegar com sono
e mais cansado que eles.
Sabem que eu vou largar a bola,
recusar as carambolas,
esquecer o sorvete de graviola.

Logo, logo, fecharei meus olhos.
Talvez, então, nos meus sonhos,
estarei falando sobre jogos e bolas
e muitas, muitas carambolas,
enquanto me delicio
com o sorvete de graviola.

Theresa Catharina de Góes Campos
Caruaru - PE, janeiro de 1962

Onipresença da Arte

Conviver com a arte
de segunda a domingo,
de janeiro a dezembro:
eis um projeto de vida!

Theresa Catharina de Góes Campos
Belém do São Francisco - PE, abril de 1962.

A Linguagem do Coração

Se o coração falasse
a linguagem rude,
agressiva e ruidosa do mundo,
nós todos estaríamos perdidos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife - PE, 05/03/1962.

O Espírito do Natal: Comunicação

O Natal interessa a todos nós,
pois não é monopólio de ninguém.
Sou eu e você
e todos nós.
Se todos os gestos e todas as palavras
fossem comunicação...
os conflitos não levariam às guerras,
e sim, à compreensão e à tolerância.

A chamada trégua natalina
é a vitória da ternura
para com todos os seres humanos;
a transmissão da mensagem de solidariedade
por gestos e palavras extraídas do coração.
NATAL NÃO SE FESTEJA EM SOLIDÃO.

A comunicação é o toque mágico
dos presentes e abraços
de UMA NOITE MUITO ESPECIAL
em todas as latitudes, nos recantos
mais afastados do mundo.

Embora nem todo ato de tocar seja comunicação
e nem toda forma de comunicação seja amor,
O NATAL É SEMPRE UM MOMENTO ESPECIAL
de comunicação e paz –
uma promessa de esperança
para a humanidade ameaçada, conturbada;

uma promessa de vida
num sistema internacional
de vasos comunicantes
e círculos entrelaçados.

Sem amor, não existe alegria de viver –
porque vida é comunicação
e NATAL NÃO SE FESTEJA NA SOLIDÃO!

Dizer FELIZ NATAL é reconhecer, no presente,
um bem maior que o passado;
é assinar uma Declaração de confiança
no futuro que se desconhece;
é abrir as portas fechadas,
colorir os pontos sombrios de nossa vida,
atravessar as pontes
e se lançar ao espaço infinito.

Dar um presente, mesmo silenciosamente,
é como dizer de público:
EIS A MINHA AMIZADE –
a dádiva maior
que todo ser humano tem
para oferecer.

Apesar de ogivas nucleares
e dos foguetes intercontinentais;
malgrado o imperialismo metamorfoseado,
apesar das superpotências e das
multinacionais,
os cometas, as estrelas e os planetas

fazem ciranda,
com os satélites, no firmamento...
as suas guirlandas vivas proclamam:
AINDA HÁ ESTRELAS NO CÉU!

Apesar do barulho das metralhadoras,
as crianças continuam a nascer
e nós as recebemos,
apesar de nosso desespero
e de nossa angústia,
e de nossos fracassos contínuos,
com uma ternura esperançosa –
mais preciosa do que nunca!

Que as crianças nos ouçam:
FELIZ NATAL, IRMÃOS!
E que o espírito de Natal –
a comunicação –
seja uma realidade visível,
palpável,
para todos nós.

Theresa Catharina de Góes Campos
Santos - SP, 10/12/1962.

Subiu no Cajueiro Para Ler e Sonhar

No quintal de sua casa,
subiu no cajueiro amigo
para ler e sonhar.

Brincou de amarelinha,
cantigas de roda cantou,
com as amigas solidárias;
pulou corda, jogou dominó
(porque xadrez não sabia),
jogou até paciência,
depois cansou e, fatigada,
foi dormir...
Porque o amor não veio.

No dia seguinte, tudo recomeçou...
Brincou com suas bonecas,
jogou dominó, pulou corda,
cantigas de roda cantou.
No cajueiro, carregadinho de frutos,
subiu para ler e sonhar,
de livro na mão, mil sonhos na cabeça.

De nada adiantou
tanta preparação,
com animada programação.
O amor não veio,

nem sendo chamado
com tanta fé e ternura.
A realidade precisou enfrentar:
o amor não chegou.

Os anos se passaram...
Mudou de interesses, mudou de idade,
mudou de sonhos também.
Nem assim, com maturidade,
o amor apareceu.

Mudou de endereço,
teve a vida transformada.
Mesmo assim não desistiu
do seu sonho acolher,
visível, concretizado.
Nunca achou impossível
ver o amor chegar.

O amor não veio, é verdade,
é fato reconhecido.
Mas valeu o tempo de espera.
Valeu, ainda mais, com certeza,
o sonho de amor acalentado.

Theresa Catharina de Góes Campos
Arcoverde - PE, outubro de 1962.

Espaço Infinito do Coração Aprendiz

No “meu” espaço infinito,
sempre cabem meus amigos.
O meu coração, aprendiz,
estuda e fala todas as línguas.

No “meu” espaço infinito,
embora também limitado,
os caminhos são bem-vindos,
os obstáculos, vencidos.

Esse espaço infinito
é universo de sonhos
que se renova e recria
na luz do realizar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Água Preta - PE, 18/05/1962.

Cajueiro no Quintal

No quintal de sua casa,
subiu nos ramos fortes
(os braços do cajueiro amigo),
para ler e sonhar, sossegada.

Ontem, brincou de amarelinha,
cantigas de roda cantou,
com as amigas solidárias;
pulou corda, jogou dominó
(porque xadrez não sabia),
jogou até paciência,
depois cansou e, fatigada,
foi dormir...

Nos dia seguintes, tudo recomeçou...
Brincou com suas bonecas,
jogou dominó, pulou corda,
cantigas de roda cantou.
No cajueiro, carregadinho de frutos,
subiu para ler e sonhar,
de livro na mão, mil sonhos na cabeça.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 27 de fevereiro de 2009.

(Adaptação do poema “Subiu no cajueiro para ler e sonhar” - Theresa Catharina de Góes Campos - Arcoverde - PE, outubro de 1962)

Mirabolante!

Circo é mirabolante, sensacional!
Como são eletrizantes, mirabolantes,
os voos dos trapezistas, de tirar o fôlego.

Mirabolantes, os números dos malabaristas,
hábeis nos movimentos rápidos dos malabares.
Os artistas do circo, mirabolantes, lançam arcos
para o ar, no seu trabalho mostrando perícia,
acompanhada com a poesia de cores e luzes .

Quantas histórias mirabolantes,
interpretadas pelos animados,
mirabolantes e mágicos palhaços!

Viajando, passam por muitas cidades,
fazendo, em todas elas, espetáculos
mirabolantes, fantásticos, fantasiosos,
os esfuziantes acrobatas e palhaços.
Com os seus risos, na platéia repetidos,
fazem o público se divertir e sorrir.

Gostaria de ser um artista de circo,
batendo palmas também para os
trapezistas, malabaristas, acrobatas,
fazendo mágica que eu nem explico
nem sei o segredo...ah, se pudesse,
aprenderia a viver e trabalhar no circo,
transformando a minha vida, todo dia,
numa aventura muito mirabolante!

Theresa Catharina de Góes Campos

Pelotas - Rio Grande do Sul, julho de 1962.

Pescaria na Quermesse

Eu já vi que nem sempre os peixes
vão parar nos anzóis dos pescadores,
ainda quando eles usam, como iscas,
as minhocas de qualidade...
E quando os pescadores voltam
trazendo peixes, não trazem prendas.

Comigo, porém, é muito diferente,
quando faço pescaria de sucesso
nas animadas festas da paróquia.

Sigo os conselhos do meu pai:
um pouquinho de habilidade e
paciência para direcionar bem
a vara de pescar na minha mão.

A cada dia estou mais experiente
nas pescarias de quermesse.
Assim, ganho uma prenda diferente
por todo peixe que retiro da areia fina.
Eu consigo pescar, mas os peixes
vão continuar lá na barraca, voltam
a seu oceano, um mar de brincadeira.

Para mim, é como um jogo do qual
saio vitorioso, exibindo o que eu ganhei,
com pose de pescador habilidoso.

Penso que aprendi como se deve
fazer na vida: vou ser pescador
sem precisar de minhocas,
nem esperar horas,em silêncio,
à beira do rio, a fisgada na isca, ou
que o peixe decida se deixar pegar.
Vou continuar me divertindo
nas quermesses festivas, populares.

Posso crescer, isso posso, espero
que sim. Vai ser legal, ser adulto.
Só não posso esquecer de ir pescar
prendas e mais prendas nas quermesses.

Theresa Catharina de Góes Campos
Porto Alegre - RS, julho de 1962.

Passarinho Saltitante

De galho em galho
pulou o passarinho/
não sei se fugindo
ou ao encontro do sol indo,
apressado, saltitante.

Será que está fazendo
exercícios matinais...
procurando frutas maduras,
caçando larvas para se alimentar
e a seus filhotes famintos levar?

Para onde vai, tão gracioso,
esse passarinho cantando,
saltitante, de árvore em árvore?
O que vai fazer, essa ave sonora
da qual nem sei o nome?
Será que busca outras vozes?
Persegue o calor, as sombras
ou os raios do luminoso sol?

Ou apenas vai levando,
muito cuidadoso e diligente,
os sonhos de minha mãe,
embaixo de suas asas?

Theresa Catharina de Góes Campos
Serra Talhada - PE, abril de 1962.

A Festa dos Amigos

Pode ser em qualquer recanto,
em qualquer ocasião
(mas sem máscaras),
a festa abençoada dos amigos.

Se o som das ondas
fizer música
(seja balada ou baião),
os amigos vão chegar.

Se o farfalhar das árvores
parecer uma gargalhada
longa, prolongada,
os amigos ali se reunirão.

Os barcos que partem
levam o mapa da volta,
para o reencontro dos amigos
na festa anunciada.

As águas cantam estribilhos,
as pedras repercutem sons...
os amigos virão dançar
ou apenas conversar,
fazer poesia ou cantar,
falar de livros e filmes,
ou relatar viagens...

A mesa está preparada...
os barcos já regressaram.
Os amigos chegarão...
Como Reis Magos em viagem.

Theresa Catharina de Góes Campos

Recife - PE, 1962.

Vida-Morte-Vida

(Poema dedicado à querida amiga Luzinette Laporte de Carvalho, escritora e professora, luminosa e profunda, em sua espiritualidade e fé.)

Vida-morte-vida
a correr e fluir
para chegar à vida-vida-vida.

Na flor, protegida está
a semente criadora.
Eis a vida seminal
a se perpetuar, vitoriosa,
disfarçada de transitória.

O fruto protege
a vida da semente
que recomeça, recria
numa visão de flores,
um miniuniverso
de cor e sabor
abrigados, protegidos.

Na vida seminal,
de aparência diminuta,
marca de toda semente,
a natureza se prepara:
veste-se e se desnuda
para os mistérios
simples, arrebatadores,
do florescer, frutificar.

Vida-morte-vida,
morte também seminal.
Vida-morte-vida
espelhando a vida do amor,
o enigma em tudo se revela.

Parece quase nada
uma semente.
Parece tão pouco,
é quase tudo
o poder da semente.
O sonho da flor,
o sonho do fruto,
os sonhos do amor.

A vida sonhada
que se concretiza.
A vida fragilizada
que se realiza
em tudo revigorada.

Vida semente
amadurecendo
em meio a pragas,
tempestades, furacões,
negligências e omissões.
Vida seminal, vencedora,
mesmo na morte
seguindo o seu caminho
de vida-morte-vida.

Vida que a violência viola,
impondo a morte aparente.
Vida que se impõe,
porque capaz de vencer.
Vida ameaçada a todo instante
que precisamos proteger.

Parece tão frágil,
pequena, diminuta.
Não é superficial
nem transitória.
Parece quase nada...
Na verdade, é tudo.

Porque nada supera
a vida seminal,
criativa e criadora,
original e plena
em seu potencial.

Nos gestos de amor,
vida seminal
em que Deus se revela
a nós, seus filhos:
permanência e potencial.
Nós, seus filhos sonhados,
escolhidos, planejados.

Nós, caminhos e portos,
rios, grutas e lagos,
montanhas e planícies,
até precipícios...

Nós, vidas seminais,
seres originais,
únicos e criadores;
nós, criaturas
desorientadas
ou pela fé guiadas,
sendo jardins e desertos
nesta vida seminal.

Todos nós, sementes,
flores e frutos divinos.
Nós, salvadores e náufragos
nas rotinas de convivência.
Ou na urgência
dos encontros inesperados.

Parece tão pouco,
se olharmos apenas
as aparências,
que tudo escondem.
Mas temos fontes e rios
de água e sangue fluindo,
palpitando, pulsando,
correndo em nossos corpos.
Seria pouco...
é tudo VIDA!

Theresa Catharina de Góes Campos
Garanhuns - PE, julho de 1962.

O Aprendizado Para Não Silenciar

Fazer poemas,
versos escrever.
Para evitar acidentes,
não soltar balões.

Ler quase sem parar...
No coração meditar
para depois saber
como gente conversar.

Não soltar balões.
Ouvir todas as canções...
Para então aprender
a não omitir, nem silenciar
os silêncios e gritos
de todas as injustiças.

Theresa Catharina de Góes Campos
Serra Talhada - PE, setembro de 1962

Quem Sabe a Resposta

Por que aqui
e não lá?
Por que não permanecer,
ao invés de viajar
e, viajando, continuar?
Como decidir?
E por quê? Quais os motivos?
Por que não adiar?
Com prazo definido
ou sem compromisso?

Ainda que todas essas questões
envolvam a minha pessoa...
Embora estejam todas
na esfera da minha existência,
só o mais sábio conhece
as respostas a tantas perguntas:
vamos o coração consultar!

Theresa Catharina de Góes Campos
Cabrobó - PE, setembro de 1962

O Toque Final de Deus

Sinto enorme angústia,
escondida mas lancinante dor,
pelas tarefas incompletas,
com visíveis erros, tantas falhas,
aceitáveis porque humanas,
numa incontrolável rebeldia.

Como se uma dimensão invisível,
nos trabalhos aqui realizados,
teimasse em ressaltar,
quase gritando, nas sombras,
a incapacidade dos ideais,
a distância de sonhada utopia.

O sentimento acalentado de conclusão
insiste em se mostrar irreal, fugidio,
o que me causa pungente melancolia.
Em termos concretos, o inalcançável.
A tarefa que nem pudemos iniciar.
O porto que não será nosso destino,
por causa do temido, precoce naufrágio.

Até que me chegou ao coração
outro sentimento, apaziguador:
o que incompleto estiver, não
deverá jamais nos preocupar!

Por mais difícil que for,
será por Deus concluído
em todas as Suas dimensões,
visíveis detalhes ou invisíveis cores.

As correções finais, na imperfeição
que não conseguirmos mudar,
nas realidades do mundo, nas pessoas,
tudo isso a Deus caberá transformar,
segundo a Sua Vontade, de acordo
com Seu Plano e no Seu Tempo divino.

Theresa Catharina de Góes Campos
Vitória - ES, 1962

Pilotar... E Sentir a Plenitude da Vida...

O avião decolara há pouco tempo da base militar para um voo noturno. O piloto, único tripulante do minúsculo aparelho, olhava o mapa, entretido na decifração daquelas linhas e indicações sobre tão grande região. Como se um "mundo" pudesse ser descrito de uma maneira tão simples.

As nuvens eram suas únicas companheiras, fieis e constantes na sua eterna missão de velar o destino dos que se arriscam a ir até elas... Não podia dizer que estava só...

Lembrava-se de quando entrara na escola, do seu 1º voo sozinho, sem o instrutor, de todos os seus atos, sonhos, junto às recordações do voo solo. Tinha um estranho pressentimento: algo lhe fazia miúdo o coração, amargurava a sua alma repleta de incertezas. Que surpresas lhe estaria reservando o destino nas próximas horas? Verificou os instrumentos e constatou que tudo, no momento, ia correndo bem. Ao olhar fixamente através do vidro, pareceu-lhe ver a face da guerra, cheia de mortes, com inúmeras missões de reconhecimento. Quantas ele fizera, arriscando a vida por umas parcas e, às vezes, inúteis informações.

Gostava da sensação de poderio que lhe perpassava a mente quando guiava o avião, ao dominar este monstro metálico de grande poder mas que, sem ele, de nada valeria. O estudante pode errar num cálculo, a costureira pode não coser do modo certo e, depois, desmanchar todo o trabalho feito para recomeçar. Porém o piloto sabia que não tinha assegurado para si esse direito. Se errasse, sobreviveria para corrigir? Logo estaria sobrevoando o oceano, o seu avião como a deitar-se sobre as águas, numa infantil tentativa de descanso...

Ao se completar mais de uma hora de voo, ficou confirmada uma anormalidade. Ele estava perdido. A gasolina já querendo acabar e nada a indicar a aproximação do lugar onde estava prevista a aterrissagem. Na intensa escuridão reinante era o piloto um cego em desespero, fitando as estrelas tão lindas, tão brilhantes, mas que não podiam ajudá-lo. Tinha olhos e nada podia ver, sua força humana que podia fazer diante de tal fatalidade? Há muito pressentira um desvio na rota, devido ao mau tempo.

Sentia medo... não estava, como também pessoa alguma está, suficientemente preparado para enfrentar a morte inesperada. Pensou: "Que faria minha esposa numa situação dessas? Ah, rezaria."

No regaço de Deus deve mesmo haver uma grande quantidade de orações que, infelizmente, só foram rezadas em graves circunstâncias, em horas em que mais intensamente se compreende que tudo o que acontece é permitido pelo Criador. Ao entrar no avião levara consigo a lembrança dos beijos e abraços de sua esposa e de sua filha. Parecia sentir algo roçando seu corpo, seu rosto... terrível ilusão... não eram os braços de sua Aninha que lhe enlaçavam os ombros, não eram os lábios da esposa que o beijavam na face... Talvez fosse a morte, com seus esqueléticos membros, com a boca úmida e descarnada, ela que nunca pode aprender a pronunciar a palavra "Misericórdia". Que seria dele? Desajeitadamente juntou as mãos em pose de prece e orou... Lá longe, duas estrelas presenciaram seu ato de súplica, confirmação da fraqueza humana. Seu coração, mesmo depois de ter rezado, assemelhava-se a um turbilhão.

Só o avião permanecia sereno. Porém a alma do oficial conservava em si, agora, a chama da esperança. Ia lutar furiosamente para viver, para voltar a seus entes queridos. A gasolina só daria para duas horas. Teria de vencer o vento que o arrastava para a perdição. Após uma hora e meia de litígio agonizante contra as forças naturais, eis que começou, espaçadamente, a avistar luzes. Teve vontade de pular, de acariciar e beijar os instrumentos. Ainda não era a certeza da salvação, mas esperava que os 30 minutos de gasolina lhe reservassem algo de bom.

Passaram-se uns minutos. Saindo o avião das nuvens, viu-se vigiado por um milhão de clarões elétricos. O aviador, com energia em todo o seu ser, procurava com o olhar ávido um lugar onde pudesse pousar. Logo avistou o "paraíso", isto é, um campo de pouso. Olhou, carinhoso, para o interior do aparelho, como lhe agradecendo ter correspondido, na medida do possível, para que ele se salvasse. Seu contato com a terra pelo rádio, interrompido durante horas, foi reiniciado. A voz que lhe falava era para ele tão doce e cálida que mais parecia ser a de um parente próximo. Ele estava voltando para casa, para o aconchego do seu lar, pronto para receber as manifestações carinhosas de sua família. A pista o recebia de

braços abertos, com uma amizade disfarçada de dureza inflexível. Ao descer do avião sentiu-se poderoso por ter vencido a tempestade, as nuvens traiçoeiras... Viver... Amar... Ele continuaria a fazer o que sempre fizera no curso de sua existência. Deu uma olhada para o aparelho, bastante maltratado pela intrépida viagem e sentiu-se feliz por pilotar, por cruzar os ares, o desconhecido...

Theresa Catharina de Góes Campos

BIAIG - Boletim Informativo do Aeroporto Internacional dos Guararapes

ANO III N. 10 JANEIRO FEVEREIRO MARÇO DE 1962

Recife - PE

Não consegui encontrar...

Encontrei uma longa relação de originais, elaborada por mim, registrando títulos, cidades e datas referentes a meus escritos, no período de 1953 a 1962.

Verifiquei, então, que ainda me falta encontrar um número superior ao dobro de "versos e prosa de minha infância e adolescência" publicados neste livro.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 10 de agosto de 2014

Mais de uma centena de meus escritos (poesias, ensaios, crônicas e artigos), manuscritos ou datilografados, inclusive publicados, não consegui encontrar. Espero que, eventualmente, ainda sejam resgatados esses "objetos perdidos" ao longo de minha vida.

Não sei nem posso garantir o caminho que minhas palavras irão percorrer - Deus as conduzirá e lhes dará o destino que Ele decidir para os meus textos e poemas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 09 de outubro de 2014

Posfácio

Quando tínhamos 15, 16 e 17 anos...

De: Rosa Maria Medeiros

Data: 11 de outubro de 2014

Sempre lembrada Therezita,

... em nossos tempos outros, na trajetória da nossa Caminhada pelo nosso Compromisso Vital que nos reuniu no curso Clássico do Colégio de São José, considero aquela nossa turma como um arranjo de Ikebana – em que a harmonia do todo realça cada elemento que o constitui: As "angélicas florinhas" se destacavam em buquês esportivos,(de vôlei), literatos (entre esses, a brilhante oradora Theresa Catharina), gremistas e naturais na variedade de sua beleza, discretos em seus dons vocacionais.

Naquele contexto, com minha "incompetência variada" tive acesso a todos os grupos, participando como: jecista, gremista, colaboradora do jornal, torcedora do vôlei, auxiliar de trabalhos extra classe dos professores e por força da JEC, um assíduo relacionamento com o Pedagógico e com o Internato.

Continuei, até hoje, a me relacionar, principalmente, com Tereza Lúcia. Mais: Lúcia Isabel, Vera e com a turma do Pedagógico, através de Luzene.

Ao comemorar os quarenta anos da nossa conclusão de curso, nosso Jubileu de Esmeralda, Tereza Lúcia e eu nos unimos ao Pedagógico com Luzene e, do resultado de todas as ações, você foi informada por Tereza. A partir daí, promovemos os encontros anuais, conforme você também tem sido informada...

Agora estou gratificada por merecer o privilégio de sua atenção e espero continuar a recebê-la.

Com estima, grata,

Rosa

Em tempo – quem me acompanhava ao piano nas reuniões do grêmio, lembra? Tereza Lúcia!

Rosa Maria Medeiros

Recife - PE, 11 de outubro de 2014

THERESA CATHARINA DE GÓES CAMPOS

Jornalista, escritora, professora universitária (em cursos de graduação e pós-graduação), tradutora e intérprete concursada do Senado Federal, Theresa Catharina de Góes Campos nasceu em 13 de janeiro de 1945, na cidade de Natal - Rio Grande do Norte.

Livros publicados:

"O Progresso das Comunicações Diminui a Solidão Humana? Uma interpretação histórica das comunicações gráficas e audiovisuais, desde a pré-história até o Intelsat" - Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1970, 139p.

"A TV nos tournou mais humanos? Princípios da Comunicação pela TV" - com Prefácio de Ariano Suassuna - Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1970, 362p.

(Tradução da versão francesa) "Sons e Sinais na Linguagem Universal: Semiótica, Cibernética, Linguística, Lógica" de A. Kondratov - Brasília, Editora Coordenada, 1972, 189p.

"Pensamentos para Ser, Agir e Viver Melhor" - Brasília, Ed. Guanabara, 2007, 134p.

"Pensamentos para Ser, Agir e Viver Melhor" - Brasília, 2ª Edição, Ed. Guanabara, 2008, 160p.

"Existe Vida sem Poesia?", Brasília, Ed. Guanabara, 2010, 472p.

Com artigos publicados no Brasil e no exterior (em inglês e francês), também participou, com suas poesias, de muitas edições coletivas.

E mais:

cd-rom "Pensamentos para Ser, Agir e Viver Melhor"
(edições - 2005, 2007, 2008 e 4ª edição - 2009);

ebooks (em minicds):
"Uma Vida com a Palavra Escrita - Vida e Palavras de Theresa Catharina de Góes Campos" (Acervo Digital - 2 edições em 2014)

Editora, também, dos sites:
www.arteculturanews.com (Arte e Cultura News)
www.noticiasculturais.com (Notícias e Textos Culturais)
www.theresacatharinacampos.com (Blog da Jornalista Theresa Catharina)

Jornalismo com Ética e Solidariedade

GUANABARA
GRÁFICA E EDITORA

VERSOS E PROSA DE MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Theresa
Catharina
de Góes
Campos

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-62095-03-0